

a albumina em pequena quantidade da agua, ajunte a restante; cõe.

Este preparado é muitas vezes empregado nos casos de envenenamento, pelo effeito neutralisante de grande numero de toxicos.

Maneira de afastar ou destruir as moscas e mosquitos

Para afastar estes insectos dos quartos, é sufficiente suspender, nos tectos dos mesmos quartos, um panno humedecido em acido phenico; e, para os destruir, pisar pequena porção de pimenta misturada com assucar, reduzir esta mistura a pó muito fino, ajuntar um pouco de leite e expôr este preparado em pratos.

Maneira de temperar o aço dos objectos delicados d'este metal, sem lhes alterar as formas.

Colloca-se a peça em brasa sôbre um pedaço de madeira de pinheiro e mergulha-se tudo na agua fria; tornando-se menos impetuosa a acção e o objecto conservar as suas formas.

Lacre para garrafas

Resina de pinheiro, 1 kilo; pez de Borgonha, $\frac{1}{2}$ kilo; cera amarella, 250 grammas; sebo de vacca, 90 grammas; almecega da India, 200 grammas; funda e cõe.

Maneira de bronsear os canos das espingardas

Mistura-se uma porção de chloreto de antimonio com sufficiente quantidade de azeite, até se formar uma especie de sabão, e applica-se, em um panno, uma camada a mais egual possivel no cano da espingarda; conserva-se n'este estado o cano por espaço de 24 horas, que se en-

contrará coberto de ferrugem e facilmente se lhe tira com panno humedecido em azeite. Repete-se esta operação até se conseguir a côr desejada. O sabão d'antimonio deve ser preparado no acto de se empregar.

Graxa liquida para calçado

Carvão animal em pó fino, 90 grammas; assucar, 60 grammas; acidos chlorohydrico e sulfurico, ãa 30 grammas; azeite, 15 grammas; vinagre, 1 litro.

Em um vaso apropriado deita-se o carvão e o assucar, ajunta-se-lhes, a pouco e pouco, o azeite agitando-se com espatula de madeira e depois, em pequenas porções, os acidos; terminada a reacção produzida pelos acidos e continuando-se a agitar a massa, addiciona-se-lhe o vinagre. Terminada esta operação, o producto será guardado em vasos ou botijas apropriadas, as quaes serão agitadas quando se usar da graxa.

Conservação do aroma do café

O café, quando torrado, perde grande parte do seu aroma quando tirado do torrador. Evita-se este inconveniente addicionando-lhe, n'aquelle acto, para cada 25 kilos de café empregado 750 grammas de melação, o qual esfria rapidamente o café, impede a dilatação e retém o seu aroma.

Maneira de distinguir o aço do ferro

Applica-se, a o objecto que se pretende examinar, uma vareta de vidro molhada em acido nitrico, passado pouco tempo lava-se a parte tocada com agua. Se o objecto for de aço, a nodoa fica negra e, se for de ferro, adquire a côr esbranquiçada.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 16 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

O sr. *presidente* informou a assemblêa dos motivos para que tinha sido convocada a sessão. Que tendo sido resolvido, na ultima sessão, representar ao poder legislativo mostrando o inconveniente de se attender ao pedido feito pelo sr. João da Cunha e Oliveira, aspirante de pharmacia, entendia que a sociedade devia tomar conhecimento da representação, que ia ser lida pelo sr. 1.º secretario a quem a mesa delegou a elaboração de tão importante trabalho. Que na ultima sessão igualmente se decidira que se protestasse contra o facto da camara conceder a André Gonçalves Pinto igual dispensa, mas que era uma questão seria e grave que elle desejava novamente submeter á consideração da assemblêa.

O sr. 1.º *secretario* leu a representação, a qual está impressa na 5.ª pag. do jornal do presente mez.

O sr. *Coelho de Jesus* elogiou a representação mas que, na opinião d'elle orador, a sociedade devia protestar pela imprensa contra o facto já consummado da dispensa d'exames a André Pinto.

O sr. *Jara* censurou violentamente o procedimento do poder legislativo, que tão levemente tem andado em um assumpto de tanta importancia.

O sr. *Corrêa* fez uma dissertação sôbre a origem da pharmacia em Portugal. Lastimou o procedimento do poder legislativo e declarou que approvava a representação por a julgar bem elaborada, muito digna e energica.

O sr. *Drack* declarou, em nome do sr. dr. Alves, que este

socio lhe pedira para participar á sociedade que, por motivo de gravissima doença d'uma pessoa de familia, não podia comparecer á sessão, mas que annua a qualquer deliberação que se tomasse. Que o mesmo cavalheiro, na sua qualidade de deputado, já tinha pedido para que o requerimento do sr. Oliveira fôsse a informar ás commissões de instrucção e saude publica.

O sr. *Corrêa* usou novamente da palavra para apresentar uma proposta, que foi considerada urgente.

O sr. *Silva Machado* propoz que a mesa fôsse encarregada de dar cumprimento á proposta do sr. Corrêa na parte que lhe fôsse possivel.

Os srs. *Cunha*, *Coelho de Jesus* e *Jara* tornaram novamente a fallar a favor da sociedade, protestar pela imprensa contra o acto do poder legislativo.

O socio *Fragoso* propoz como questão previa, que em vista da maneira como os diferentes socios tinham fallado, pugnando em favor d'um protesto pela imprensa, desejava saber se a sociedade podia protestar contra os actos do poder legislativo.

O sr. *Coelho de Jesus*, em resposta disse que se podia protestar e que o mesmo já se tinha feito na questão Rangel de Quadros.

O socio *Fragoso* apresentou vario argumento contra esta opinião. Que ella não o podia fazer.

Que os pharmaceuticos, collectivamente, podiam fazel-o, mas em nome da sociedade não lhe era permittido. Citou um facto recente acontecido na sociedade de geographia, em que um socio propoz um voto de censura contra um membro do poder executivo, sendo então a imprensa d'opinião que o governo devia mandar fechar aquella casa. Comparou isto com o que a sociedade desejava, que, na opinião d'elle, ainda era mais grave por ser contra o poder legislativo, que é a quem cumpre fazer as leis. Que entendia que o facto não devia passar sem um solemne protesto na imprensa pharmaceutica, que era mais livre, e na imprensa diaria, mas nunca em nome da sociedade.

O sr. *Alegria* concordou com a opinião do socio *Fragoso* e fez varias considerações sôbre o estado da pharmacia.

Fallaram ainda os srs. *Mattos*, *Drack* em favor das opiniões do socio *Fragoso* e outros socios.

Em seguida resolveu-se que a representação fôsse publicada, que não se fizesse protesto e approvou-se a proposta do sr. *Corrêa*.

O sr. *Pires* mandou para a mesa uma proposta para socio honorario, assignada tambem pelo sr. *Emilio Estacio*.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—
O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 29 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Às oito horas da noite abriu-se a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O socio *Emilio Fragoso* apresentou, por parte d'uma commissão a que pertenciam os srs. *Cunha*, *Coelho de Jesus* e elle (orador) os seguintes quesitos:

1.º Sendo duas as interpretações dadas á quinta advertencia do actual regimento de preços dos medicamentos, qual é a preferivel?

2.º Sendo as manipulações pharmaceuticas a applicação dos conhecimentos scientificos e practicos, adquiridos pelo pharmaceutico, devem acabar as taxas impostas pelo Estado e pedir cada um o que julgar mais em harmonia com o trabalho que desempenhou, ou devem continuar a ser nos impostas?

3.º Os pharmaceuticos das provincias devem pedir mais a quinta parte sôbre o preço total fixado a uma receita, como prescreve o alvará de 3 de novembro de 1810, ou esta disposição está derogada?

Ficaram para ser discutidos na sessão seguinte:

Elegeu-se em seguida para 2.º vice-presidente o sr. *Manuel Vicente de Jesus*.

Foi tambem eleito, para vogal da commissão de historia natural, o sr. Coelho de Jesus, que pediu escusa apesar de ser vivamente instado para aceitar.

O sr. *Antonio Manuel Augusto Mendes* declarou estar administrando a pharmacia do sr. conselheiro Pedro Franco, em Belem, onde punha á disposiçãõ da sociedade os seus serviços.

O sr. *presidente* agradeceu.

Em seguida encerrõu-se a sessãõ. Eram dez horas.—O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

SAUDE PUBLICA

Mistura alcoolica vendida com o nome de fino Champanhe

O sr. Lugon, tendo procedido á analyse d'este suppõsto liquido, encontrou pelo tornasol a reacçãõ fortemente acida, offerecendo-lhe qualidades de uma agua-ardente de superior graduacãõ; o extracto é em proporçãõ inteiramente anormal, apresentando o cheiro e sabor do sumo de ameixas; o liquido cupro-potassico foi reduzido pela ebullicãõ; os per-saes de ferro deram coloraçãõ verde-escura; finalmente, o chloreto de baryo deu precipitado abundante, insolovel nos acidos.

Estas reacções mostram que o liquido analysado é um alcool muito fraco, transformado em agua-ardente por meio da mistura que contém cacãu, sumo de ameixas ou outra substancia rica em assucar e o acido sulfurico.

(*Bull. de la soc. de pharm. do Calvados.*)

Falsificaçãõ da pimenta pelo bagaço da azeitona

O sr. Roubardin, depois de haver observado, nõo microscopio, o bagaço, encontrou que a forma das cellulas é pedregosa, alongada e irregular. Este processo é baseado

sobre o principio de que o bagaço da azeitona contém muito mais lenhoso que a pimenta.

Pesa-se 1 gramma de pimenta, que se pretende ensaiar, e submete-se á ebullicão continua, durante uma hora, em 100 grammas de agua distillada, acidulada por 1 gramma de acido sulfurico; deixa-se esfriar, recolhe-se o residuo sobre um filtro tarado, lava-se em agua distillada ebulliente, secca-se na estufa e pesa-se.

N'estas condições, a pimenta branca pura deu 0,175 de residuo lenhoso; as pimentas Tellichéry, Malabar, Saigon dão 0,300; a pimenta Alepy, 0,320; pelo contrario, os bagaços da azeitona dão residuo que se eleva a 0,745.

Deduz-se que a presença dos bagaços augmenta sensivelmente o peso do residuo lenhoso.

(Journ. de pharm. et de chimie.)

Pesquisa do acido borico no leite

PELO SR. MEISSL

Para procurar o acido borico no leite, incinera-se 100^{cc} de leite tornado alcalino pela baryta; dissolva a cinza na menor quantidade possivel de acido chlorhydrico; evapore até secura; observe com a curcuma e ajunte uma ou duas gôtas de acido chlorhydrico. Pela evaporação, a banho de agua, e do mesmo modo 0,001 p. 100 de acido borico no leite, produz coloração vermelha.

(Journ. of the chem. society.)

Emprego do ether e do chloroformio na pesquisa do acido salicylico nos vinhos

PELO SR. MALENFANT

Em todos os processos que têm sido publicados, até ao presente, para a analyse qualitativa ou quantitativa do acido salicylico nos liquidos, é sempre o ether que vejo empregado pelos chimicos como solvente d'este acido.

É preferivel usar-se do chloroformio, por varias razões:

a primeira, porque solve perfeitamente bem o acido salicylico e de modo muito facil; as outras serão abaixo expostas.

Primeiramente indicarei a marcha que segui na analyse qualitativa do acido salicylico; tomando por exemplo as occorrencias que se apresentam, muitas vezes ao pharmaceutico, na analyse dos vinhos.

Meço para um frasco de vidro 50^{cc} de vinho que se pretende analysar e 20^{cc} de chloroformio puro; agito moderadamente a mistura, de forma que não emulsione completamente; depois deito este liquido n'um funil com torneira e deixo repousar; passados alguns minutos separo as duas camadas que se formaram e o chloroformio occupa o fundo do funil; separo 10^{cc} para um tubo d'ensaio, ajunto uma gôta de perchloreto de ferro officinal, alguns centimetros cubicos de agua distillada e agito. Se o liquido, submettido á analyse, contém acido salicylico, obtem-se da agua, que sôbrenada o chloroformio, a coloração violeta, caracteristica dos solutos aquosos d'este acido. Como deixo expôsto, este processo é de facil execução, muito simples e muito rapido; torna desnecessaria a evaporação do chloroformio para se obter a coloração violeta: é sufficiente um quarto de hora para fazer esta analyse.

D'este modo tenho conseguido caracterisar evidentemente o acido salicylico, no vinho que contém sómente dois centigrammas por litro; e com um centigramma, do mesmo acido, por litro não tenho obtido coloração alguma.

Nos diversos ensaios que tenho experimentado, para determinar o limite de sensibilidade do chloroformio e do perchloreto de ferro, empregados concorrentemente, tanto nos solutos recentes, mas nos de um mez ou mais, de acido salicylico, obtive sempre os mesmos resultados.

Considero esta sensibilidade como sufficiente para as carencias da pratica, porque a quantidade de acido salicylico que se ajunta nos vinhos, para evitar a fermentação, é ordinariamente dez ou quinze vezes mais consideravel, sem que a fermentação continue.

Todavia, tenho empregado o ether como vehiculo extractor, em lugar do chloroformio, e posposto o limite d'esta sensibilidade.

Os inconvenientes que tenho achado com o emprêgo do ether (fallo do ether a 63°), são os seguintes:

1.º Com relação á sensibilidade, não offerece vantagem alguma sobre o chloroformio; ainda que, com um centigramma de acido salicylico por litro, não obtive coloração apreciavel em substituir o ether ao chloroformio;

2.º Empregando-se o ether é impossivel operar com o funil com torneira; o ether, pela sua leveza, occupa a parte superior do funil; como é muito volatil, evapora-se rapidamente e pode concorrer para que seja abandonada, sobre a superficie interna do funil, certa proporção de acido salicylico, obrigando d'este modo ás lavagens, nocivas á rapidez da analyse e bem assim á exactidão da analyse quantitativa;

3.º Não se usando do funil com torneira, é necessario servir-se de um frasco com bôcca larga ou separar então o ether por meio da pipetta; sendo então, n'este caso, muito difficil separar a totalidade do ether sem arrastar algum vinho, quando reste diminuta camada d'ether na sua superficie;

4.º O ether tem o inconveniente de se emulsionar muito mais facilmente que o chloroformio; de que resulta que a separação das duas camadas é muito mais demorada;

5.º O mesmo ether produz espuma muito abundante em certos vinhos; esta espuma, persistindo por muito tempo, é um obstaculo.

Do que fica exposto, o ether é inferior ao chloroformio; e as vantagens d'este são:

1.º O chloroformio, em razão da sua muita densidade e da difficuldade que apresenta de se misturar com um liquido aquoso ou ligeiramente alcoolico como o vinho, separa-se muito mais facil e promptamente que o ether. Pode-se, finalmente, acelerar esta separação apertando na mão (estando esta quente) a parte do funil junto á torneira, ou

separando ligeiramente esta parte com o dedo, de maneira que os globulos de chloroformio emulsionados se congreguem mais rapidamente;

2.º O chloroformio, sendo sôbrenadado por uma camada de vinho, não ha a receiar a evaporação e pode esperar todo o tempo necessario para a separação completa dos dois liquidos;

3.º Segundo o processo acima indicado, colhe-se o chloroformio mais facilmente que o ether; por que é mais denso que o vinho e separa-se d'este sem a necessidade de lavagens;

4.º Agitado com o vinho não lhe produz tanta espuma nem se emulsiona como o ether;

5.º Nas diferentes experiencias por mim feitas, sôbre este assumpto, tenho sempre operado directamente, sem evaporação preliminar do liquido submettido á analyse; não tenho encontrado o acido salicylico no vinho que houvesse reduzido a metade; antes tenho obtido, n'este ultimo caso, abundante espuma, impossivel de decantar completamente do chloroformio.

Sou pois de parecer que, em geral, é preferivel proceder-se sôbre o vinho sem o fazer evaporar.

Em quanto á analyse quantitativa do acido salicylico, só tenho a dizer que os processos colorimetricos, actualmente seguidos, parecem-me os mais simples.

Termino fazendo observar que, dosando-se no vinho o acido salicylico, pela pesagem, depois da evaporação do ether ou do chloroformio, expõe-se a erros; por que o ether solve com facilidade o acido tartarico e o chloroformio apodera-se egualmente de diminutas quantidades d'este mesmo acido, tornando-se fallivel a mencionada pesagem.

(*Journ. de pharm. et de chimie.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Soluto officinal de ergotino

O emprego do ergotino, assim como o de varios alcaloides pelo methodo hypodermico, tem-se generalisado muito para os casos em que os clinicos desejam obter acção therapeuticamente rapida e energica. D'ahi a conveniencia de haver, nas pharmacias, um soluto officinal de ergotino para as injeccões hypodermicas; mas as formulas que tēem sido indicadas, incluindo a da pharmacopèa portugueza, offercem o inconveniente de dar um producto que se conserva mal, creando micodermas, pouco tempo depois de preparado, além de que, parece averiguado que a glicerina, que entra n'essas formulas em elevada quantidade, torna dolorosa a injeccão.

Os inconvenientes que ficam apontados são porèem removidos na formula seguinte, devida a Bonjean:

Ergotino de Bonjean	1
Agua de loureiro-cerejeira	7

Dissolve-se o ergotino na agua, aquecendo brandamente em banho de agua; deixa-se em repouso durante 5 dias, filtra-se com cuidado para não levantar o sedimento formado no fundo do vaso, sedimento devido ao emprego da agua de loureiro-cerejeira. Trata-se pelo carvão animal lavado, em peso igual ao do ergotino dissolvido; deixa-se em contacto por espaço de 24 horas, agitando de vez em quando, e filtra-se.

Esta formula dá um soluto de côr alambreada que, conservado em frasco de rôlha de vidro, fica permanentemente limpido, e do qual 1 gramma corresponde approximadamente a igual peso de cravagem de centeio de bôa qualidade.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente
portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 95.)

RHOEADES

Papaveraceae. Juss.*Chelidonium majus.* L.

Celidonia maior, Herva andorinha legitima.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, Monchique, em diferentes pontos da Beira, Douro e Tras-os-Montes

Flor. de fevereiro a junho.

P. u. a planta florida e a raiz.

Emp. como emetica, drastica, diuretica e espectorante. Constitue a base do *decoctum ad ictericos* da Pharmacopêa de Edimburgo. O seu succo de cor amarella, que é acre e mesmo caustico, usa-se para a destruição das impigens, verrugas e callos dos pés. As fricções com a planta verde fóram aconselhadas contra as molestias de pelle; tambem se pôde usar do succo misturado com glicerina. A infusão da raiz d'esta planta em vinagre quente dizem ser um bom remedio para acalmar as dores de dentes.

Papaver rhoeas. L.¹

Papoila ordinaria ou Papoila vermelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Braga, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e principio do verão.

P. u. as petalas.

¹ Variedades: β. setigerum. Boenn.; γ. vestitum. Gr. et Godr.; δ. subintegrum.

Emp. como peitoral, sudorifica e narcotica ⁴.

Papaver somniferum. L. ²

Dormideira.

Planta originaria do Oriente, muito cultivada no nosso paiz e ás vezes encontrando-se quasi espontanea ³.

Flor. na primavera.

P. u. as capsulas e folhas ⁴.

Emp. como narcotico e calmante. O opio extrahe-se do succo concreto obtido, por incisões, das capsulas quasi maduras d'esta planta ⁵.

Fumaria officinalis. L. ⁶

Herva molarinha das boticas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nas proximidades da estação do caminho de ferro e no Choupal, Faro e outros pontos do paiz. Esta planta não é muito vulgar.

Flor. na primavera e no principio do estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como depurativa nas affecções cutaneas, escorbúticás e escrophulosas.

Fumaria capreolata. L. ⁷

¹ É necessario muito cuidado em distinguir esta especie do *P. dubium*. L. Papoila comprida e do *P. hybridum*. L. Papoila peluda, o que se consegue attendendo a que as capsulas da primeira são oblongas e as da segunda muito hirsutas, enquanto que as capsulas do *P. rhoeas*. L. são ovadas quasi globosas e glabras.

² Variedade β . hortense (P. hortense Hues.)

³ O dr. Brotero na sua *Flora lusit.* acerca d'esta planta diz o seguinte: «Habita quasi espontanea nos montes visinhos do grande aqueducto das Aguas livres de Lisboa, nos sitios arenosos, nos arredores de Setubal e n'outras partes junto das povoações.»

⁴ As capsulas devem ser colhidas em plena maturação e antes de começarem a amarellecer; a colheita das folbas deverá ser feita no começo da floração.

⁵ As sementes não gosam das propriedades narcoticas das capsulas, pelo que são despresadas nas preparações pharmaceuticas; mas dão pela expressão um oleo graxo que dizem ser comestivel.

⁶ Variedades: β . scandens. Hamm.; γ . minor. Hamm.; δ . floribundo. Hamm.

⁷ Variedades: β albiflora. Hamm. (F. Pallidiflora. Jord.); γ . speciosa. (Jord.) Hamm.

A *Fumaria officinalis* que Brotero indica na *Flor. lusit.* é segundo a opi-

Herva molarinha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a junho.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Fumaria agraria. Lag.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Faro e em outros pontos do paiz.

Flor. no inverno e primavera.

Tudo o que diz respeito às especies antecedentes.

Cruciferae. Adanson

Cheirantus cheiri. L.

Goivo amarello.

Planta originaria da Europa austral, occidental e meridional. Entre nós cultiva-se muito nos quintaes e jardins, e nas provincias do sul encontra-se em alguns sitios quasi espontanea junto das povoações.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as flores.

Emp. como expectorantes, antispasmodicas e emmenogogas. O succo das summidades dizem ser um bom diuretico.

*Nasturtium officinale*¹. R. Br.

(*Sisymbrium Nasturtium*. L.; *Cardamine fontana*. Lam.)

Agrião.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. em abril e maio.

não do sr. Carlos Machado a *Fumaria Bastardí*. Bor. (*F. media*. Loïf. α Gussonei. Hamm.; *F. Gussonei*. Boiss.) e não a especie linneana. Esta planta é muito vulgar em alguns pontos do paiz, por exemplo: na serra de Monsanto, e pôde substituir as especies que acima mencionamos, assim como a *F. spicata*. L. (*Platycapnos spicatus*. Bernh.) e a *F. pariflora*. Lamk. que habitam nas proximidades de Lisboa.

¹ Variedades: α . genuinum. Gr, et Godr.; β . sufolium. Steud.

P. u. a planta recente.

Emp. como estimulante. O uso da salada de agriões é aconselhado nas affecções scorbuticas, e molestias de pelle; o xarope nas affecções pulmonares.

Barbarea vulgaris. R. Br.

(*Erysimum Barbarea*. L.; *Sisymbrium Barbarea*. Crtz.)

Herva de Santa Barbara.

Hab. nos arrabaldes de Coimbra junto ás margens do Mondego, Bussaco, Ourentã, Obidos e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como antiscorbutica. Pouco usada.

Cardamine pratensis. L.

Cardamina dos prados.

Hab. nos campos do Mondego proximo a Pereira, nas serras da Louzã e da Estrella, visinhanças do Porto, Cintra e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Douro.

Flor. em maio e junho.

P. u. as flores e folhas recentes.

Emp. as flores como estimulantes, diaphoreticas e anti-spasmodicas; as folhas como antiscorbuticas. Pouco usada.

Lobularia maritima. Desv. ¹

(*Clypeola maritima*. L.; *Alyssum maritimum*. Lam.)

Masturço maritimo.

Hab. na costa de Caparica, Serra do Monsanto, Cacilhas, Porto e em muitos outros pontos do nosso litoral.

Flor. durante quasi todo o anno.

P. u. as summidades floridas.

Emp. na Catalunha usa-se muito para combater a blennorrhagia. Pouco usado.

Cochlearia glastifolia. L.

Hab. nas margens do Douro proximo do Porto quasi espontanea (Brot.).

Flor. no estio.

¹ Variedade β . densiflora. Lge.

P. u. a planta recente.

Emp. excitante, estomachica e antiscorbutica ¹. Pouco usada.

Cochlearia armoracia. L.
(*Roripa rusticana*. Gr. et Godr.

Rábão rustico.

Planta originaria da Europa e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz recente ².

Emp. como estimulante e antiscorbutica ³.

Cakile maritima. Scop.

(*Bunias Cakile*. L.; *Cakile Serapionis*. Lob.)

Rábão marítimo.

Hab. em quasi toda a nossa costa. É muito abundante nas proximidades da Figueira da Foz, Buarcos, entre a Foz do Douro e Leça, Esposende, Algês, Praia das Maçãs, Faro e Villa Real de Santo Antonio.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e raiz recente.

Emp. o mesmo que o da especie anterior e segundo Lermery é tambem diuretica e litonprítica. Pouco usado.

Sisymbrium officinale. Scop.

(*Erysimum officinale*. L.)

¹ A *Cochlearia* que mais se emprega em pharmacia é a *C. officinalis*. L. Ha duas variedades d'esta planta, a saber: α . *maritima*. Gr. et Godr.; β . *Pyrenaica*. Gr. et Godr. (C. *Pyrenaica*. D. C.; *C. officinalis*. Lap. non L.) a primeira habita a região maritima e a segunda as montanhas da Europa.

Não nos consta que habite no nosso paiz. A *C. Danica*. L. que se encontra em Lavadores, Boa Nova e Castello do Queijo nas proximidades do Porto e o *Jonopsidium acaule*. Rehbch. (C. *Olisiponensis*. Brot.) que habita na Serra do Monsanto, proximo a Lisboa podem substituir a *C. officinalis*. L., porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas. Ambas florescem no inverno.

² Em Portugal alguns pharmaceuticos empregam as folhas em logar da raiz, que é a unica parte d'esta planta que se deve empregar.

³ No norte da Europa, por exemplo em Allemanha, a raiz do Rábão rustico serve de condimento á carne e peixe cosido. A raiz é raspada e misturada com mostarda e vinagre.

Rinchão, Erysimo das boticas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Lisboa, Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como bechico e antiscorbutico.

Sisymbrium sophia. L.

Sophia ou Herva dos Cirurgiões.

Hab. junto do Douro, principalmente perto da Barca d'Alva, Bragança e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e applicadas debaixo da fórma de cataplasma para combater as ulceras atonicas; as sementes como vermifugas e litonptricas. Pouco usada.

Alliaria officinalis. Andrz.

(*Erysimum Alliaria*. L.; *Hesperis Alliaria*. Lam.; *Sisymbrium Alliaria*. Scop.)

Herva Alheira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, proximo da Conraria, e em muitos pontos da Beira e Douro.

Flor. no estio.

P. u. a planta recente.

Emp. como diuretica, espectorante estimulante e antiscorbutica. Cazin, Ray e outros, têm recommendado muito o succo d'esta planta para lavar as ulceras gangrenosas. Pouco usada.

Capsella bursa-pastoris. Much.¹

(*Thlaspi Bursa-pastoris*. L.)

Bolsa de pastor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bragança e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a setembro.

P. u. toda a planta.

Emp. como levemente adstringente.

¹ Variedade. β . microcarpa. Lose.

Lepidium sativum. L.

Mastruço ordinario.

Hab. nas visinhanças de Bragança.

Flor. no estio.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como antiscorbutica e diuretica. Tambem se tem usado como depurativa e resolutive.

Lepidium latifolium. L.

Hervá pimenteira maior. Herva serra.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Braga, Beja, Caparica, Silves, Villa Nova de Portimão e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como antiscorbuticas e diureticas.

Brassica nigra. Koch.

(*Sinapis nigra.* L.)

Mostarda negra.

Planta muito cultivada no paiz e encontrando-se ás vezes espontanea.

P. u. as folhas recentes e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas e as sementes como estimulantes, revulsivas e rubefacientes.

Sinapis alba. L.

Mostarda branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em diferentes pontos da Beira e Douro.

Flor. em maio e junho.

P. u. as sementes.

Emp. como estomachicas, estimulantes. Em dôse superior a 4 grammas podem obrar como laxantes ¹.

¹ As folhas da *Senebiera Coronopus*. Poir (*Cochlearia Coronopus* L.; *Coronopus*. Ruelli Gärtn.; *C. vulgaris* Desf.), *Brassica oleracea*. L., Couve e suas variedades, *Brassica Napus*. L., Nabo, *Raphanus sativus*. L., Rabão, *Raphanus Raphanistrum*. L. (*Raphanistrum segetum*. Rehb.), Saramago podem empregarse como antiscorbuticas. Segundo Linneo as sementes do Saramago são tão venenosas que, achando-se ás vezes misturadas no trigo, têm occasionado na Sue-

Resedaceae. D. C.*Reseda odorata*. L.

Minonete ou Minoneta.

Planta de patria desconhecida e muito cultivada nos jardins. Em Lisboa encontra-se ás vezes quasi espontanea nos muros ou proximo a elles.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antispasmodica e sudorifica. Pouco usada.

Reseda luteola. L. ¹

(Luteola tinctoria. Wbb. et Berth.)

Lirio dos tintureiros.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Gerez, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a planta florida.

Emp. como diaphoretica e febrifuga. Constitue a base do remedio de Darbon contra a tenia. Pouco usado.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

VARIEDADES**Acido borico contra o suor dos pés**

Os pés, depois de lavados, untam-se com a pomada seguinte:

Acido borico em pó fino..... 6,0 grammas

Vaselina..... 30,0 »

F. s. a.

cia verdadeiras epidemias. A raiz do Nabo obra como peitoral e espectorante, e, empregada debaixo da forma de cataplasma, como resolutiva: a do Rábão como rubefaciente.

¹ Variedade β . Gussonei J. Müll. (R. Gussonei. Bss; R. crispata. Ten., R. Lusitanica. Pourr.; R. Luteola var. crispata. Bourg.)

Analyse de um sal de conserva para o leite, manteiga, carne, etc.

(H. FRESENIUS)

Sulfato de cal.....	0,76	grammas
Chloreto de sodio.....	0,79	»
Azotato de potassa.....	1,10	»
Borato de soda.....	12,53	»
Acido borico.....	48,96	»
Agua.....	35,86	»
	<hr/>	
	100,00	

(As combinações são calculadas no estado anhydro.)

Emprego therapeutico do acido borico

(ROSENTHAL)

O auctor recommenda o emprego do acido borico no estado de soluto em 5 partes de glicerina, preparado a quente, que se conserva indefinidamente, sem alteração e sem formação de vegetações microscopicas; tem sido applicado sôb esta forma e produzido os melhores resultados na cystita chronica.

Emprego therapeutico de hippurato de soda

(P. BOA)

O hippurato de soda tem a propriedade de decompôr o acido urico, segundo as observações de Carrod; é administrado sôb a forma de pô ou de soluto.

1.º Hippurato de soda.....	5,15	grammas
Carbonato de lithina.....	1,55	»
Glicerina.....	15,00	»
Agua de canella.....	240,00	»

F. s. a. Toma-se a oitava parte d'este soluto em uma vez (2 colheres das de sopa).

2.º Hippurato de soda	7,50	grammas
Citrato de potassa	14,50	»
Xarope simples	24,00	»
Agua d'hortelã pimenta.....	180,00	»

F. s. a. Para tomar ás colheres das de sopa.

Emprego therapeutico do nitrito de amylo

(ROSENTHAL)

O nitrito de amylo pode ser empregado, como antiseptico, contra a decomposição da urina e como base de um soluto a utilizar em lavagens das affecções da bexiga.

Emprego therapeutico do peptonato de ferro

(ROSENTHAL)

O auctor emprega este producto em injeções subcutaneas, na proporção de 1 para 10 de agua distillada.

Envenenamento pela cafeina

(ARCHIV DER PHARMACIE)

Um drachma de cafeina, depois de ingerida, apresentou no espaço de 15 minutos os phenomenos seguintes: sensação de adustão epigastrica, delirio, vomitos e diarrhéa com dôres no baixo ventre, intelligencia clara, 120 pulsações, collapseo.

A administração de carvão animal, de nitrito de amylo e do ether fizeram terminar os vomitos; deu-se em seguida a nitroglycerina, na dôse de 0,025 grammas, conjunctamente com a dedaleira. Passadas nove horas terminou o collapseo, restabelecendo-se completamente o paciente depois de tres dias.

Uso do tabaco de fumo

O parlamento americano votou uma lei, prohibindo a ven-

da de tabaco aos jovens que não tenham dezeseis annos de idade.

Nos considerandos da lei, diz-se estar provado que o tabaco perturba profundamente as funcções do estomago, sobre tudo tratando-se de adultos ainda mal constituidos; que augmenta a acção do coração e causa palpações; que determina perturbações gastricas; que irrita as fossas nasas e a garganta, pelo effeito do fumo; que occasiona a asthma e predisõe para as bronchitas e pneumonias; que faz perder o appetite; desperta o vicio da embriaguez e origina grande numero de doenças de olhos.

Lacre fino

Terebinthina de Veneza, 100 gram.; gomma laca, 250 gram.; colophonia, 500 gram.; vermelhão, 125 gram.; alcool a 80°, 60 gram.

Graxa solida para calçado

Carvão animal em pó fino e melaço, aã 360 gram.; sulfato ferroso pulverisado e azeite, aã 60 gram.; galha em pó, 8 gram.; vinagre, 950 gram.; acidos chlorhydrico e sulfurico, aã 120 gram. Mistura-se, com espatula de madeira, o carvão com o sulfato e a galha e, quando esta mistura esteja completa, adiciona-se-lhe em pequenas porções o melaço, o azeite e metade do vinagre; continua-se a agitar e tambem, em pequenas parcelas, ajunta-se-lhe os acidos e o vinagre; agitando ainda por algum tempo.

Colla forte

E' o soluto de silicato de potassa, que se applica a frio para collar a madeira, pedra, marmore, estatuas, vasos de louça, porcellana, vidro, papel, estôfos, pannos, etc.; sendo sufficiente passar, nas superficies, um pincel molhado n'este soluto e ligar bem os objectos.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Consulta da sociedade, de 25 de julho de 1884, sobre o Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na pharmacopéa portugueza, elaborado pelo socio honorario o sr. Alfredo da Silva Machado.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, tendo deliberado dar o seu parecer e juizo ácerca do valor scientifico e utilidade profissional de um livro, que escreveu sobre chimica pharmaceutica, o seu consocio e membro honorario, o sr. Alfredo da Silva Machado, encarregou este assumpto a uma commissão especial, a qual, depois de haver cumprido o mandato, apresentou o seu parecer, que, examinado e discutido em sessão de 9 de julho do corrente anno de 1884, foi pela mesma sociedade approved, tomando-o como seu, e que é o seguinte:

SENHORES:—A commissão que vós nomeastes para emitir o seu parecer sobre o livro de chimica pharmaceutica, escripto pelo nosso consocio o sr. Alfredo da Silva Machado, e por elle intitulado com toda a propriedade *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza*, vem hoje satisfazer o seu encargo.

A commissão, tendo lido attentamente o dito Elucidario, é de opinião que elle satisfaz cabalmente o fim que o seu auctor se propoz. O sr. Silva Machado não só explica, com muita clareza e a sufficiente minuciosidade, as reacções summariamente indicadas na pharmacopéa official, mas tambem n'alguns casos aponta outras que concorrem para mais facilmente se reconhecer a natureza das impurezas das substancias que se examinam, quando estas se acham adulteradas. Ao fazer a enumeração das substancias que costumam inquinar as drogas, diz-nos quaes são as provenientes do processo de preparação, e aquellas que por dólo lhes são ajuntadas; o que tudo muito interessa ao pharmaceutico ter sempre de memoria. E recorda em notas muitos factos e reacções interessantes e de immediata applicação

na pratica. Assim com relação ao sulfato de quinina, por exemplo, depois de explicar as reacções aconselhadas pela pharmacopêa para reconhecer a pureza d'este sal, acrescenta o processo de deshydratação na estufa a 100°, para avaliar a perda da humidade. Cita não só o processo recommendado por Baudrimont para determinar a quantidade de cinchonidina, quando ella existe no estado de sulfato misturada ao sulfato de quinina, mas tambem o processo de Kerner e os seus defeitos, as experiencias de Byasson para reconhecer no sulfato suspeito 3 a 4 0/0 de sulfato de cinchonina, 4 a 5 0/0 de quinidina, e 5 a 6 0/0 de sulfato de cinchonidina. Finalmente refere-se ao ensaio optico, e cita os trabalhos de Arthur Petit, pelos quaes este observador determina com exactidão a pureza do sal em questão em vista do seu poder rotatorio.

Por tanto a vossa commissão é de parecer que o livro do nosso consocio, o sr. Alfredo da Silva Machado, é um manual de incontestavel valor e utilidade para todos, e principalmente para os menos versados nos trabalhos de laboratorio, so quaes encontrarão condensada no *Elucidario* a explicação de muitos phenomenos e a enumeração de muitas reacções, para obter cujos conhecimentos por outra fórma lhes seria necessario compulsar muitos livros. Pelo que a commissão julga o auctor digno dos encomios d'esta sociedade.

Lisboa e sala da commissão, em 7 de julho de 1884.—

Dr. Joaquim José Alves.—*Manuel Vicente de Jesus Abrantes.*—*José Ribeiro Guimarães Drack*, relator.

Em certeza do que mandámos passar a presente consulta, que vae assignada pela mesa, e timbrada com o emblema de que usamos.

Dada em Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 25 de julho de 1884.—O 1.º Vice-presidente, *José Ribeiro Guimarães Drack*.—O 1.º Vice-secretario, *Joaquim Simões Serra*.—O 2.º Secretario, *Emilio Fragoso*.

SOCIIDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

RESUMO DO BALANÇO GERAL DA RECEITA E DESPEZA
DO ANNO ECONOMICO DE 1883 A 1884

Receita		INSCRIPÇÕES	METAL
Saldo em cofre em 1 de julho de 1883.	9:000\$000		44\$765
Quotas dos socios	-5-		48\$800
Diplomas de 14 socios novos	-5-		16\$800
Juros de inscrições	-5-		270\$000
Analyses toxicologicas feitas no labora- torio chimico	-5-		156\$000
Assignaturas do jornal	-5-		10\$320
	9:000\$000		982\$685
Despeza		INSCRIPÇÕES	METAL
Impressão do jornal	-5-		120\$525
Analyses toxicologicas	-5-		117\$000
Compra de livros para a bibliotheca e assignaturas de jornaes estrangeiros	-5-		7\$800
Encadernações de livros para a biblio- theca	-5-		3\$300
Renda da casa	-5-		200\$000
Iluminação	-5-		28\$325
Contribuição da renda da casa	-5-		21\$630
Seguro de mobilia e utensilios	-5-		6\$000
Ordenado do continuo	-5-		180\$000
Gratificação do escripturario	-5-		86\$400
Portes de jornaes e correspondencias	-5-		18\$875
Compra de livros e impressos e outras despezas de expediente	-5-		32\$855
Compra de moveis e utensilios e concer- tos	-5-		9\$800
Despezas extraordinarias	-5-		71\$200
Ditas mudadas	-5-		14\$940
	-5-		918\$650
Saldo para o anno economico seguinte.	9:000\$000		64\$035
	9:000\$000		982\$685

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de junho de 1884.—O 2.º Secretario, *Emilio Fragoso*.—O Thesoureiro, *José Ferreira Rodrigues*.

SOCIETY OF CHEMISTS
ANALYSE DE UM LEITE CONDENSADO

ANALYSE DE UM LEITE CONDENSADO

Os leites condensados são simplesmente os coagulados pela evaporação, aos quaes se junta certa quantidade de assucar de canna para sua conservação.

O leite, de que damos a analyse, pode ser considerado como typo d'estas especies de preparação.

Eis aqui os algarismos com relação a 100 partes do producto:

Manteiga	8,68
Assucar de leite	12,45
Assucar de canna	32,27
Caseina	16,37
Saes.	1,58
Agua	28,36
	99,71

Doseamento do amido na cevada

Os srs. Bungener e Fries verificaram que este amido dissolve-se facilmente no soluto de acido salicylico ao centesimo; o sr. Schwarz dá por certo este facto e bem assim mais outro, em que o acido salicylico dissolvente exerce acção sobre o oxydulo de cobre.

Pesquisa do acido tartarico no acido citrico

O sr. Pusch recommenda collocar-se uma grammma de acido citrico em pó com dez grammas de acido sulfurico concentrado, puro e incolor, n'um tubo d'ensaio; manter-se este ultimo, por meio de uma pinça no copo de vidro de Bohemia cheio de agua, aquecida á temperatura de ebulição durante uma hora; o acido citrico dissolve-se com desinvolvimento gazoso e formação de espuma, produzindo

um liquido de coloração amarella, conservando-a durante uma hora quando o acido citrico é puro; e, quando contém sómente meio por cento de acido tartarico, a coloração amarella passa para atrigueirada e depois para vermelha-escura, depois de uma hora de tratamento.

É evidente que, para este ensaio, deve-se evitar as causas de erros devidos á presença de corpos estranhos. Pusch tem feito repetidas analyses comparativas e confirma que, por este processo, pode-se conseguir menos de meio por cento de acido tartarico no acido citrico.

Reacção alcalina do vidro, causando erros nas analyses

Os srs. Kreussler e Henrold annunciam que os instrumentos de vidro ordinario, empregados no laboratorio e sôb a acção da agua ebulliente, causam erros na apreciação das reacções chímicas.

Se, por exemplo, submittendo-se a acção d'uma corrente de vapôr, no interior de tubos de ensaio, matrizes, balões, etc., se recolher a agua de condensação, observa-se que esta apresenta reacção fortemente alcalina nos papeis de tornasol e de curcuma, aquecendo-se no tubo de ensaio, a branda ebullição: a tinctura de tornasol vermelha passa a azul-carregada depois de alguns minutos. O vidro de Bohemia resiste a esta influencia da agua feryente.

Riqueza dos pães de gluten em amido

O sr. Mallat observou que os pães de gluten, recommendados aos diabeticos, contêm maior porção de amido do que se julga geralmente.

O processo, de que este auctor tem empregado no do-seamento, é o seguinte:

Cinco grammas de pão, reduzido a pó, é submittido á ebullição prolongada na agua acidulada com 3 por 100 de acido chlorhydrico; verificando-se que a saccharificação está

completa pela ausencia de toda a coloração com iodo a frio; 500^{cc} de liquido é dosada a glucosa pelo soluto cupro-sodico graduado; a cifra encontrada multiplica-se, em relação de $\frac{162}{180}$ dos equivalentes da substancia da materia amylicea e da glucosa, e tem-se obtido, em diversas amostras examinadas, as cifras seguintes, representando a riqueza por cento de amido: 12,80—13,20—15,10—15,93—19,65—27,15—28,60—30,10—34,10.

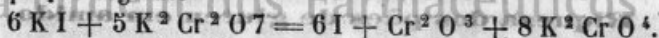
Fica entendido que o termo amido designa não sómente o amido real, mas os productos de transformação egualmente saccharificos e que são susceptiveis de fornecerem assucar na economia.

Vê-se, muitas vezes, como é variavel a quantidade da materia feculenta nos pães de gluten; as amostras examinadas contêm fora d'isso proporções de agua muito proximas, os resultados são bem comparaveis.

Em dois pães, dos mais ricos em amido, as amostras, apresentaram 28 e 30 por 100, correspondente precisamente a marcas muito apreciaveis e muito diffundidas.

Separação do chloro e do iodo pela via secca

O sr. Krutwig expõe que, aquecendo-se uma mistura secca de iodeto de potassio e de bichromato de potassa em excesso, o iodo é pôsto em liberdade, como indica a equação seguinte:



Para separar o chloro do iodo, na mistura de iodeto de potassio e de chloreto de sodio, aquece-se a mistura n'um cadinho de porcellana com bichromato de potassa: o iodo é determinado pela perda de peso ou pela quantidade de oxydo de chromo formado. O soluto, separado pela filtração do oxydo de chromo, é acidulado pelo acido azotico para dosar o chloro pelo azotato de prata.

Tannino falsificado

Verificando-se uma amostra de tannino, era este incompletamente solúvel na agua e no alcool; tratado pelo seu peso de ether e de agua, deixava abundante residuo insolúvel, esbranquiçado e denso, em quanto que o ether tomava a côr verde-intensa. O residuo, insolúvel na agua e no alcool, tratado pelo iodo, adquiria coloração azul; era inteiramente saccarificavel pelos acidos mineraes diluidos; examinado ao microscopio, mostrava ser constituído pela *fecula da batata*.

Determinada a proporção de fecula, recolhendo-a sôbre um filtro tarado e lavado com agua fria, depois seccando-a progressiva e lentamente, evitava-se a formação da gomma; depois de sêcca, completamente a 110°, obteve-se fecula, 22,80 por cento de tannino.

Esta falsificação é grosseira e muito facil de reconhecer, porque se descobre pela insolubilidade da materia estranha nos dissolventes do tannino, a agua e o alcool.

J. D. COBRÊA.

HISTORIA NATURAL**BOTANICA****Cardo sancto e seus succedaneos**

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

Cnicus benedictus Lin. et Gärtn.

(*Centaurea benedicta* L.; *Calcitrapa lanuginosa* Lam.; *Carduus benedictus* Camer.)

Cardo sancto (Herba Cardui benedicti florens).¹

Planta florida de caule ramoso, anguloso, sulcado, hirsuto e avermelhado, fôlhas alternas, sub-decorrentes, oblongas,

¹ Em allemão: Benediktenkraut, Kardobenedikte, Bitterdistel. Em francez: Chardon bénit. Em inglez: Blessed thistle. Em hollandez: Kardo benedict. Em dinamarquez: Corbenedikt, etc.

lanceoladas, rugosas, roncadas, recortadas em lobulos oppostos celheados na margem e denteados em espinho, capitulos terminaes, solitarios, de flosculos amarellos envolvidos em bracteas oblongas e espinhosas; cheiro ingrato, sabor muito amargo e salino.

(*Pharmacopœa portugueza* 1876.)

É planta annual e floresce de abril a principios de agosto. Habita no nosso paiz, pelos marachões arenosos dos montes d'Arregaça junto a Coimbra aonde é rara (Brot.); nas visinhanças de Bragança (Moller), proximo a Abrantes e Evora (Daveau).

P. us. a planta florida.

Nas pharmacias deverã existir esta planta como:

Droga (*Herba Cardui benedicti*): Ph. germ. 176; Ph. ross. 174; Ph. helv. 61; Cod. méd. 46; Ph. belg. 22; Nederl. A. 66; Ph. dan. 114; Ph. suec. 85. Berg, Waarenk. 30t; Flückig. Pharm. 478.

Preparados (*Extractum Cardui benedicti*): Ph. germ. 442; Ph. ross. 124; Ph. helv. 41; Cod. méd. 439; Ph. helv. 167; Nederl. A. 426; Ph. suec. 72.

Especies amargas (*Species amarae*): Ph. hung. 399; Ph. suec. 495.

Vinho amargo (*Vinum amarum*): Nederl. A. 370.

Tinctura amarga (*Tinctura amara*): Ph. dan. 263. Etc.

O sabor muito amargo do cardo sancto é devido a uma substancia especial chamada *enicina*. (Nativelle e Husem, 940.) Rabuteau (*Éléments de thérapeutique et de pharmacologie*) diz que a enicina é um corpo neutro crystallizado em agulhas, pouco solúvel na agua fria e na agua acidulada, muito solúvel no alcool e nas aguas alcalinas, onde

¹ Descripção mais completa: Jeronymo Joaquim de Figueiredo, *Flora pharmaceutica e alimentar portugueza*, pag. 482; D. Juan Texidor y Cos, *Flora pharmaceutica de España y Portugal*, pag. 780; *Prodromus Florae Hispanicae*; Willkomm et Lange, vol. II, pag. 138; *Medicinisich-pharmaceutische Botanik*, von Dr. Chr. Luerssen, vol. II, pag. 1147; *Histoire naturelle des drogues simples*, par Guibourt, corrigée et augmentée par G. Planchon septième édition, tome 3, pag. 22. etc.

perde o sabor amargo. A cnicina é menos solúvel no ether do que no alcool.

Há uma analyse d'esta planta feita pelo sr. Morin, de Rouen (Journal de chimie médicale 1827 pag. 106.) Antes de Nativelle obter a cnicina do cardo sancto já Guérin-Vary a tinha extrahido da *Centaurea Calcitrapa* L. (*Calcitrapa stellata* Lamk.) Cardo estrellado. Golignon tambem extrahiu da *C. Calcitrapa* um principio que denominou *Acido calcitrapico*.

A acção therapeutica d'esta planta é segundo J. Lindley (Medical and Oeconomical botany) tonica, diaphoretica e emetica; A. Moquin-Tandon (Éléments de botanique médicale) tonica; Chernoviz (Formulario ou Guia medica) tonica e febrifuga.

Emprega-se internamente em pó e em infuso. Para o infuso 4 grammas das summidades floridas para 250 grammas d'agua fervendo. Em pó 1 a 4,0.

Moquin-Tandon diz que outr'ora foi usada como estomachica, aconselhada na peste e como antidoto nas mordeduras de animaes venenosos. Lindley recommenda-a nas dyspepsias. Arnaldo de Villanova considerou esta planta como o melhor antidoto dos venenos e como bom meio prophylactico das epidemias. Dorvault diz que o maior obstaculo que ha na administração do cardo sancto é a sua acção muito vomitiva. Texidor y Cos a considerava febrifuga, vermifuga, estomachica e sudorifica. O dr. Beirão recommenda-a como diaphoretica, antifebril e tonica, costumando-se empregar na medicina popular, mais do que na classica, o chá de cardo sancto nos catarrhos e nas febres intermitentes. Diz tambem que, n'outro tempo, o infuso d'esta planta era applicado contra a peste e contra a mordedura de animaes venenosos.

Parece-nos que se pôde empregar na falta do *Cardo sancto* a *Centaurea Calcitrapa* L., Cardo estrellado ou *Calcitrapa*; em francez: *Chausse-trape*, *Chardon étoilé*.

E' planta indigena do nosso paiz encontrando-se com muito mais frequencia do que aquella. É vulgar nas visi-

nhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Floresce no estio e emprega-se a planta florida. É um bom tonico e Texidor y Cos diz que alguns auctores modernos a tem considerado como um dos melhores febrifugos indigenas. Sendo a composição chimica da Calcitrapa muito analoga á do Cardo sancto e botanicamente pertencendo ao mesmo genero, segundo Linneu, e tendo ambos o mesmo principio amargo, ao qual devem a sua acção therapeuticamente, não duvidámos de a recomendar como um bom succedaneo do cardo sancto que é muitas vezes difficil de obter, como agora está succedendo a muitos pharmaceuticos de Portugal.

Alguns auctores tambem indicam como succedaneo do cardo sancto a *Centaurea cyanus* L., Fidalguinhos, Loios dos jardins, Ambreta cyanea, em francez *Bluet*; assim como o Chardon bénit des Parisiens que é o *Kentrophyllum lanatum* DC. (*Carthamus lanatus* L.); Cardo sanguinho, tambem planta indigena.

Presentemente o Cardo sancto está sendo muito procurado pela maior parte dos nossos pharmaceuticos, para prepararem o elixir anti-choleric, de que o digno par do reino, o ex.^{mo} sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, distinctissimo lente de medicina da nossa Universidade, que tão brilhantemente rege a decima cadeira d'aquella faculdade (Tocologia, e clinica tocologica) e um notabilissimo clinico, com fama em todo o paiz, tirou tão bons resultados durante a epidemia da cholera que grassou em Coimbra em 1856.

A formula é a seguinte:

Cardo sancto.	} aã 12 grammas.
Raiz d'angelica	
Losna ¹	} aã 8 grammas.
Calamo aromatico	
Canella	
Macella	

¹ A losna empregada nas pharmacias de Coimbra não é a *Artemisia Absin-*

Aloes socotorino.....	aa 7 grammas.
Camphora.....	4 grammas.
Myrrha.....	6 decigrammas.
Noz moscada.....	15 centigrammas.
Açafrão.....	8 hectogrammas.

Macere por dez dias, vascolejando repetidas vezes, decante e mande.

Aos primeiros symptomas 6 grammas em 80 grammas de infuso de tilia, de meia em meia hora.

Apresentando estado grave 60 grammas puras, de meia em meia hora ¹.

Como o *Cardo sancto* é planta rara na maior parte do nosso paiz e, apesar de Brotero o citar na Arregaça proximo a Coimbra, onde depois d'elle não nos consta que fôsse encontrado por pessoa alguma, parece-nos que a planta, empregada em 1856, por *Cardo sancto* pela maioria dos pharmaceuticos d'esta cidade, não era a planta verdadeira mas sim um outro cardo qualquer das muitas especies que por estes sitios abundam.

A planta que se empregou em Coimbra, durante a epidemia de cholera em 1865, por *cardo sancto*, foi, segundo as informações que tenho obtido e que julgo verdadeiras, o *Kentrophyllum lanatum* DC. (*Carthamus lanatus* L., *Centaurea lanata* DC., *Carduncellus lanatus* Moris., *Atractylis lanata* Scop., *Carduus lanatus* Brot.) *Cardo sanguinho* que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do Douro, Beira e Estremadura e floresce de junho a agosto; e a *Carlina gummifera* Less. (*Atractylis gummifera* L., *Arcana gummifera* Willd., *Carthamus*

thium L. (*Absinthium vulgare* Lam. et Gärtn.. *Ab officinale* Brot et Nees) *Absinthio*, *Acintro*, *Losna maior* ou de *Dioscorides*, *Absinthio vulgar*, *Losna ordinaria*; mas sim a *Artemisia Arborescens* L. (*A. argentea* Seb. Maur.; *Absinthium arborescens* Lob.; Bess.; Moench.; et Brot.) *Losna arbustiva menor* ou do *Algarve*. A acção therapeutica d'esta ultima planta é menos energica do que a da primeira.

¹ A cholera-morbu s, sua prophylaxia e tratamento, pelo dr. Lourenço de Almeida Azevedo. Coimbra, Imp. da Univ. 1884.

gummiferus Lamk., Chamaeleon gummifer Cass., Cirselium gummiferum Brot.), Carlina bastarda, Chameleão branco bastardo, Cardo do visgo que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros sitios do Douro, Beira, Estremadura e Alemtejo e floresce em julho e agosto.

A primeira d'estas duas plantas foi a mais empregada nas pharmacias, a segunda tambem o foi mas empregou-se com especialidade na medicina caseira. Ultimamente têm sido enviadas d'aqui para o Porto grandes porções do Cardo sanguinho (*Kentrophyllum lanatum* DC.), por Cardo sancto; naturalmente por ser a que falsamente se empregou em 1856, quando nos parecia ser muito mais acertado, havendo difficuldade de obter o Cardo sancto, empregarem antes a *Centaurea Calcitrapa* L., pois, como já dissemos, tem o mesmo principio amargo, etc.

Planchon diz que alguns auctores julgam que o *Kentrophyllum lanatum* é o Chardon bénit des Parisiens, mas não sabe bem até que ponto elles fundam a sua asserção.

Muitos dos nossos pharmaceuticos não conhecem a verdadeira planta, pois que alguns nos têm enviado amostras de cardos para lhes indicarmos o legitimo, porém até hoje ainda não mandaram o verdadeiro ⁴.

As estampas do Cardo sancto encontram-se nas obras seguintes:

Reichenbach, Icones, vol. xy. t. 17.—*Berg u. Schmidt, Offic. Gew. Taf.* xxii a.—*Hayne, Arzneigew.* xii, Taf. 34.—*Nees v. Esenb. Pl. med. tab.* 223, etc.

⁴ Só vi o verdadeiro Cardo santo n'uma pharmacia d'aqui, que lhe foi mandado pelos srs. Azevedo e Filhos, de Lisboa.

VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 118)

XII

A geologia deve à França o grau de perfeição que atingiu. A escola Werner não tinha bem comprehendido toda a importancia dos restos organicos, retidos nas camadas da terra.

Só no começo do seculo xix dois francezes, Cuvier e Alex. Brongniart, de quem as fronte resplandecerão eternamente com uma auréola de gloria, a par de Werner e Saussure, mostraram a importancia do estudo dos fosseis, fornecendo assim, á geologia, um novo recurso de observação. Demonstraram exuberantemente que os restos organicos, contidos nas camadas pedregosas, são as testemunhas da formação d'essas camadas, e mesmo o indice das revoluções que experimentaram. Cuvier publicou com Alex. Brongniart os *Essais sur la geologie mineralogique des environs de Paris*, esta obra é quasi toda devida a Mr. Brongniart; em paleontologia publicou-se:

1.º *Extrait d'un ouvrage sur les espèces de quadrupedes dont on a trouves les assements dans l'intérieur de la terre, 1799, in. 8.º*

2.º *Recherches sur les assements fossiles des quadrupedes, où l'on établit les caractères de plusieurs espèces d'animaux, que les revolutions du globe paraissent avoir détruites, 1812.*

Esta obra é precedida de um *Discours préliminaire sur les revolutions de la surface du globe, et sur les changements qu'elles ont produites dans le regne animal.*

Este discurso é a obra prima de Cuvier e contém toda

a sua doutrina. O estylo ameno, a disposição, a clareza e a concisão, prendem e encantam o leitor.

Mr. Adolphe Brongniart dedicou-se ás plantas fosseis, tanto quanto Cuvier se dedicou aos vertebrados; assim produziu a botanica fossil, publicando a sua *Prodrome d'une histoire des vegetaux fossiles*.

XIII

Mr. Elias de Beaumont, aproveitando a theoria engenhosa do levantamento das montanhas, descoberta por Leopold de Buch, teve a honra de a desinvolver scientificamente e demonstrou que o systema de mr. Leopold de Buch, relativamente ás montanhas da Allemanha, era applicavel aos systemas de montanhas de todos os paizes e com especialidade ás da Europa, de que fixou a idade relativa, pesquisando os phenomenos os mais característicos, que acompanharam o levantamento. Provou que os depositos, de formações sedimentares, se tinham formado em periodos de longa duração, uniformes e tranquillos; mas em differétes épocas, sobrevindo grandes cataclysmos, alterara a regularidade d'esses depositos. Porém, pela composição differente dos diversos depositos, facilmente se distinguiram as differentes formações, tendo além d'isso um character particular os fosseis organicos de cada formação.

Estes phenomenos, assim como a deslocação de certas camadas, segundo a opinião de Mr. Beaumont, só podem ser attribuidas a catastrophes subitas, produzidas pelo levantamento das montanhas.

Pelas observações produzidas, Mr. Beaumont conclue que o levantamento das montanhas se effeitnou em quatro periodos differentes; mas pesquisas ulteriores o levaram a augmentar o periodo até doze, e mesmo até quinze. Esta theoria, auctorisada e desinvoldida com o talento de Elias de Beaumont, conquistou grande numero de proselytos, sendo propagada energeticamente pelos discipulos do celebre geologo. Mas annos depois a experiencia dos factos,

melhor estudados, demonstrou certo exaggero na theoria geral e absoluta de Elias de Beaumont.

Ainda assim não menos gloria cabe ao celebre geologo.

XIV

Dado assim o impulso, muitos observadores percorriam o globo, colhendo ebservações; nas principaes cidades colleccionavam exemplares, abriam escolas; em França e Inglaterra installavam-se sociedades de geologia.

A geologia, ha pouco olvidada, tomava lugar entre as sciencias exactas e constituia parte integrante da instrucção do homem.

Mr. d'Omalius d'Hallay compunha um pequeno mappa geologico da França; Smith compunha o da Bretanha, em escala maior e mais desinvolvido.

A escola de minas creava um curso de geologia, leccionado por Brochant de Villier, antigo professor na escola de Tarentaise, onde os Alpes tinham sido amplo theatro para a descoberta de muitos segredos. Os progressos da sciencia urgiam um mappa geologico da França assás desinvolvido.

Brochant iniciou o plano do trabalho, executando-se a maior parte, em sua vida, com intervenção de MM. Dufrenoy e Elias de Beaumont.

As importantes pesquisas de Fourier, Arago e Cordier sôbre o calor central, e especialmente as diligencias d'este ultimo, concederam a esta opinião tal certeza, que a theoria da incandescencia central do globo, hoje admittida geralmente, constitue um dos principaes fundamentos da geologia moderna. A theoria do metamorphismo, ou transformação das rochas estratificadas d'origem neptunina em rochas estratiformes crystallinas d'apparencia plutonica occupa a attenção de muitos geologos. Sôbre tal assumpto, lembramos os trabalhos de Mr. de Buch, Lyel, Elias de Beaumont, Dufrenoy, Virlet, Boblaye, Studez, Gras, Coquand, Delesse, Daubrée, etc. O estudo das geleiras pertence a M. M. de

Charpentier, Agassiz, Rendu Ch. Marlins, G. de Martillet, etc.

Os pedaços de gelo erraticos produziram memorias de M. M. Brochant, Sedgwich, de la Beche, Brogniart, Buckland, etc. As cavernas ou jazigos d'ossos foram exploradas por M. M. Buckland, Marcel de Serres, De Christol, Schemerling, Chaussen, Lartet, Christy, etc.

A gognossia deve especialmente os seus progressos ás descobertas effectuadas nas rochas. Sua classificação e descripção é producto dos trabalhos importantes de M. M. Haüy, De Buch, Brochant, De Leonhart, Boué, Huet, Rivière, Cordier, D'Omalius, D'Halloy, etc. Sôbretudo as topographias geognosticas, muito têm contribuido para o progresso da geologia.

Na impossibilidade de citar todos os cultores da sciencia, que tão bons serviços têm prestado á geologia, nós nomearemos os principaes, taes como: M. M. Constant Prevost, Desnoyers, Passy, Graves, Dujardin, Boué, Lecoq, Rozet, D'Archiac, Triger, V. Raulin, Leymerie, Hebert, Bertrand-Gelin, etc, em França; Sismonda, Thurmann, D. Bonnard, Beudant, Hoffmann, Phillips, Murchison, Mantell, de la Beche, Dumont, Fitton, Darwin, Alexandre de Humboldt, n'outras localidades. Não esqueceremos tambem os excellentes trabalhos de M. M. de Verneuil, Murchison e Keyserling, na Russia.

XV.

Uma sciencia nova ainda não classificada nos ultimos annos do seculo xviii, a paleontologia progrediu a par da geologia, a quem ella prestou relevantes serviços.

G. Cuvier com o auxilio da anatomia comparada, que applicou brillantemente, recompõe gerações inteiras, tornando-se assim o creador da paleontologia positiva, de que se não tinha ainda avaliado a importancia.

O impulso, operado pelo naturalista francez, propagou-se rapidamente. Muitos sabios francezes e estrangeiros se occuparam d'este ramo da sciencia geologica. Os mammiferos

fôram estudados por Meyer, Bojanus, Goldfuss, de Humboldt, Samoneruize, Schlotheim, Buckland, l'abbé Croizet, Jobert, Kaup, Falconer, Owen, e com especialidade pelo sabio contemporaneo E. Lartet.

Sir Everard Home, Buckland, de la Beche Conybeare, etc estudaram os reptis e os sanrios; Agassiz, De Munster, Bulkland, Sedgwich, Murchisson, Blainville, os peixes; Desmarest, Alex. Brongniart, Green, Alph. Milne-Edwards se occuparam com os cetaceos.

Os moluscos occuparam as attenções de Lamarck, Souerby, Parkinson, de Schlotheim. Alcide d'Arbigny, de Basterot, Voltz, Dujardin, Zieten, Goldfuss, Brocchi, Philipe, M. M. D'Archiac, e sobretudo Deshaies, de que os excellentes trabalhos ácerca dos invertebrados da bacia de Paris tão bons serviços prestaram á sciencia. Os echinodermos fôram estudados por M. M. Goldfuss, Agassiz Ch. Desmoulins, Grateloup, e actualmente por Mr. G. Cotteau; os zoophytos por Goldfuss, de Blainville, Mchelin, Edwards e Jules Haine tão cedo arrebatado á sciencia. Emfim M. M. Agardh, Ad. Brangniart, Sternberf, Gappert, e De Saporta estudaram especialmente os vegetaes fosseis.

Ainda ha pouco se duvidava da existencia do homem na epoca quaternaria; chegou-se a não admitir a existencia do homem fossil.

Um homem surgiu porém, que por suas investigações e perseverança desfez o erro, fazendo a luz e incutindo a convicção.

Este foi Boucher de Perthes; elle descobriu nas camadas diluvianas, nos suburbios de Saint-Acheul e de Abbeville, silex manufacturados pelo homem; mais tarde, em Moulin-Quignon, uma machila humana, e n'outras localidades visinhas, ossadas humanas.

Observados estes exemplares a sciencia julgou o facto demonstrado; novas observações produziram a descoberta de muitos silex manufacturados; o homem antediluviano tinha existido. Todas as attenções têm sido ultimamente occupadas com esta importante questão scientifica e, com

os progressos da sciencia, os raros incredulos serão em breve completamente convictos.¹

Terminando este rapido esboço ácerca dos progressos da geologia, não podemos deixar de mencionar os cursos, leccionados e assiduamente seguidos em Paris por uma mocidade estudiosa e intelligente. D'esses cursos muito têm a esperar o futuro da geologia. Estes cursos perfeitamente dirigidos por MM. Hebert, na faculdade de sciencias; Bayle, na escola de minas; e Daubrée e Gaudry, no museu, são frequentadas com bastante aproveitamento.

Com estes esforços alcançou-se já um grande resultado; assim as differentes assentadas de terreno, que constituem a porção da crôsta terrestre accessivel ás nossas investigações, estão hoje positivamente classificadas; a epoca da formação d'essas camadas foi determinada, bem como as principaes circumstancias dos jazigos e sua população fossil; a epoca em que os seres organisados começaram a habitar o globo, reconhecendo-se que gradualmente tem progredido nos seus aperfeiçoamentos até ao homem, o ultimo ente da criação e o mais perfeito, são factos perfeitamente coordenados.

F. P. A. GONÇALVES.

Farinha de linhaça inalteravel

O sr. Lallier diz que a cataplasma de linhaça apresenta o inconveniente de produzir erupções pustulosas quando a farinha não é recente; elle tem obtido, com o sulfureto de

¹ Na actualidade (1881) esta questão pode-se considerar plenamente resolvida; o homem antediluviano existiu não só na epoca quaternaria, mas na epoca terciaria, onde traços da sua existencia se manifestam nas camadas superiores d'aquelle terreno (audaz plioceno). No nosso paiz existem abundantemente ossadas humanas antediluvianas, encrustadas nas camadas do terreno quaternario, e instrumentos manufacturados de pedra nos terrenos terciarios. Se os ocios m'o permittirem eu apresentarei a serie de theorias e observações ácerca do homem terciario e quaternario, resultante dos estudos de muitos homens de sciencia de todo o mundo, entre as quaes o nosso paiz figura vantajosamente.

(Nota do traductor.)

carbono, a farinha de linhaça privada do óleo, de uma conservação indefinida e possuindo todas as propriedades medicamentosas da farinha recente.

Tincta para marcar roupa branca

(CLARK)

SOLUTO N.º 1

Carbonato de soda.....	16 gram.
Gomma arabica em pó.....	12 gram.
Agua distillada.....	128 gram.

Solva a gomma na agua e depois ajunte o carbonato de soda.

SOLUTO N.º 2

Azotato de prata crystallizado.....	10 gram.
Gomma arabica em pó.....	12 gram.
Agua distillada.....	24 gram.

Solva a gomma na agua e depois ajunte o azotato.

Estes dois solutos devem ser conservados separadamente; o primeiro em frasco de vidro branco, o segundo em frasco de vidro negro ou amarello enxaguados em agua distillada. Quando d'elles se fizer uso, deve-se embeber no soluto n.º 1 uma pequena esponja fina, bem lavada tambem em agua distillada e molhar-se o logar do panno que tem de receber a marca; depois passar-se por cima do mesmo logar um ferro de brunir quente até seccar a parte humedecida, sobre a qual se escreve com penna de pato molhada no soluto n.º 2.

Não se deve servir de pennas metallicas, porque decompõem o soluto n.º 2.

Agua para limpar objectos de cobre

Acido sulfurico, 30 gram.; sulfato d'alumina, 70 gram.;

agua, 125 gram. applica-se este soluto, molhando-se n'este um panno e passando o sôbre os objectos.

Glycerina contra a trichinosa.

O sr. Barton cita quatro casos de cura da trichinosa, com a administração de grandes doses de glycerina. Recommenda este modo de tratamento, fundado sôbre a acção toxica exercida pela glycerina nas trichinas.

Pó de carne

Segundo o sr. Amanieux a carne, pela preparação, não é modificada nem chimica nem histologicamente; perde tres quartas partes do seu peso.

O pó de carne não é refractario ao succo gastrico; as digestões *in vitro* provam que elle é tres vezes mais prompto que a carne crua e cortada miudamente.

Verrugas plantarias

O sr. Corneau recommenda que os tratamentos mais efficazes das verrugas plantarias, são: a cauterisação, depois a abrasão e cura da epiderma pelo acido acetico crystallizado ou a pasta de Vienna.

J. D. CORRÊA.

Centro de Documentação Farmaceutica
da Ordem dos Farmaceuticos

PEÇAS OFFICIAES

Representação da Sociedade, de 3 de setembro de 1884, pedindo ao governo energicas providencias sôbre o abuso do exercicio da profissão pharmaceutica por individuos sem habilitações legais.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—A mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em cumprimento de deliberação tomada por esta na sua sessão de 26 d'agosto proximo passado, vem perante v. ex.^a pedir energicas providencias contra o pernicioso abandono a que está votada a vigente lei de saude, na parte que diz respeito ao exercicio da profissão pharmaceutica.

Aqui, na propria capital, os fazedores de *mirificas panacéas*, quasi sempre de nociua composição, exploram impunemente a ignorancia das classes menos illustradas e a propensão do publico para o *maravilhoso*, por intermedio de pomposos annuncios nos jornaes; e os droguistas, pela sua parte, confiando tambem na actual impunidade, aviam receitas e vendem substancias medicinaes por baixo preço para afastar o povo das pharmacias, unicos estabelecimentos legais para a manipulação e venda de medicamentos.

Ora, com taes abusos, soffrem não só os legitimos interesses da classe pharmaceutica, mas tambem (o que é mais importante) a saude publica, que assim é muitas vezes damnificada, como aconteceu recentemente com uma mulher que foi victima, como é notorio, de lhe haver sido vendido por um droguista um toxico qualquer por sulfato de magnesia.

A mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em vista do expôsto e confiando plenamente no desvelado interesse de v. ex.^a pelo bem publico, pede pois e espera se digne ordenar o rigoroso cumprimento da lei de saude de 3 de dezembro de 1868, artigos 78.^o 80.^o e a lei de 13 de julho de 1882, artigo 1.^o que estão ainda em vigor.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica

Lusitana, em 3 de setembro de 1884.—O presidente, *José Tedeschi*.—O 1.º secretario, *Alfredo da Silva Machado*.—O 2.º vice-secretario, *Antonio Augusto d'Ascensão*.

Acta da sessão solemne
commemorativa do quadragésimo nono anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Em 24 de julho de 1884, pelas nove horas da noite, achando-se na sala das sessões muitos socios das classes que compõem a sociedade, os membros da mesa occuparam os seus respectivos logares e o sr. presidente annunciou aberta a sessão solemne anniversaria.

O segundo secretario, Emilio Fragoço, a convite do sr. presidente, fez a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o 49.º anno da sua instituição.

Meus senhores:—Na qualidade de segundo secretario d'esta Sociedade e em obediencia ao que preceitúa o artigo 9.º no seu paragrapho 3.º; sou obrigado a vir hoje, d'este logar, relatar-vos os trabalhos por vós executados durante o anno.

Confiando na vossa benevolencia não me recusei ao cumprimento d'este dever, aparentemente facil, mas muito superior aos meus merecimentos.

O segundo secretario d'uma sociedade d'esta ordem tem diante de si um cargo bastante penoso e não muito facil de executar com aprazimento de todos vós; entretanto, se substituir o deficiente da intelligencia pela boa vontade e dedicacão em servil-a, tem-se cumprido com um dever: foi isto o que eu fiz.

Meus senhores: Não ha muito tempo que um illustrado pharmaceutico d'este paiz, escriptor de merito e orador fluente, o sr. Sousa Telles, ex-presidente d'esta sociedade, dizia, que de todos os males que vexam a classe pharmaceu-

tica, o maior era o abandono de muitos dos nossos collegas, que se abstêm de concorrer com a sua intelligencia para a grande obra em que muitos andam empenhados: o desinvolvimento d'esta associação.

A excessiva modestia d'uns, o infundado receio d'outros de não poderem hobrear com os que se lhes affiguram superiores, são os motivos que imperam em certos espiritos pusillanimes para não concorrerem a esta casa.

É por isso que as vossas sessões são pouco concorridas, pouco se produz e o segundo secretario vê-se bastante embaraçado para poder fazer um relatório de trabalhos que primem pela originalidade, que sejam os mais proprios d'uma sociedade d'esta ordem, que illustrem, vos instruem e não vos envergonhem perante o mundo scientifico.

E quereis saber quem é o mais responsavel por estes factos, são os novos — é a mocidade pharmaceutica, com grande pesar, o digo.

Se uma geração notavel de pharmaceuticos, cujos restam poucos, conseguiu implantar esta sociedade que tantos beneficios dispensa á collectividade, merecendo por isso a nossa admiração e respeito, a geração actual, a mocidade, com raras excepções, só merece uma accusação energica por não seguir o caminho trilhado pelos nossos antepassados á custa de immensos sacrificios.

Se outro fim não tivesse esta sociedade, que não fôsse o de criar aqui um viveiro de pharmaceuticos com aptidões varias, desinvolvendo-lhes a intelligencia, facilitando-lhes o mais tarde poderem fallar em publico de modo que não envergonhem a classe, deslustrando o diploma, isto era o sufficiente para que todos vós e principalmente os novos, que são os que ganham mais n'estas pugnas da intelligencia, fizessem o possivel para a sua manutenção.

E o que é mais para notar, meus senhores, é que nos lances difficeis, quando julgam lesados os seus interesses ou quando se commette qualquer attentado, por parte dos poderes constituídos, contra o que julgam as suas prerogativas, os que até ali só tinham riso alvar e zombeteiro para

todos os vossos actos, correm então a esta casa cheios d'uma indignação, quasi apoplectica, a pedir o vosso auxilio que até então para nada servia.

N'este procedimento egoista, condemnado pela razão, são os novos, os mais eivados d'este amor exclusivo das suas pessoas e cousas.

E quando nos vemos dia a dia rarearem as nossas fileiras, uns, porque a morte os arrebatou ao amor da familia e á estima de todos vós; outros porque os seus multiplices negocios e um trabalho de muitos annos lhes dão o direito de descançarem, mais perigosa julgo para a existencia d'esta sociedade o abandono a que a votou a geração nova.

A' mocidade que me escuta só recordarei que foi pelo trabalho e pelo convívio com as illustrações pharmaceuticas d'este paiz e n'esta casa, que muitos se têm tornado acima do vulgar.

Meus senhores: Passando a uma analyse perfunctoria dos factos mais importantes, decorridos durante o anno, começo por sentir que um dos nossos mais notaveis consocios, ex-presidente d'esta sociedade, socio da Academia Real das Sciencias e um dos auctores da *Pharmacopéa Portugueza*, fôsse obrigado, pelos variados trabalhos em que o seu espirito anda embrenhado, a deixar de cooperar com a sua illustração e notavel competencia nos trabalhos d'esta sociedade.

Durante a minha curtissima carreira pharmaceutica, tenho por mais de uma vez podido aquilatar dos merecimentos do consocio a que me refiro, ouvindo o seu conselho e opinião auctorisadissima.

Já deveis saber, meus senhores, que é ao sr. Urbano da Veiga o consocio a que me refiro.

Acompanhando passo a passo e pela sua ordem os factos mais notaveis do ultimo anno, dir-vos-hei—que o vosso consocio e habil pratico o sr. Fernandes da Cunha apresentou varias propostas d'interesse profissional, sendo a mais importante a que se refere ao ensino pharmaceutico.

Durante a discussão d'esta ultima ventilou-se a questão

das duas formas de habilitação pharmaceutica, sendo a maioria dos nossos consocios de opinião que haja exclusivamente uma, acabando-se com a que se chama impropriamente segunda classe de pharmaceuticos.

Não é esta uma questão que se debata d'uma forma apaixonada, appellando exclusivamente para o sentimentalismo.

A organização da pharmacia das principaes cidades da Europa é subordinada a duas formas de habilitação.

Basta saber-se este facto, para haver a maxima reflexão sobre a questão, não nos deixando guiar pelas pomposidades de estylo, em que muitas vezes são sacrificados a verdade e o bom senso.

A Hespanha, paiz onde o ensino pharmaceutico adquiriu maior desinvolvimento, tem quatro faculdades de pharmacia, annexas ás universidades, conferindo-se n'ellas os titulos academicos de licenciados, bachareis, e doutores em pharmacia.

A França, tem actualmente duas classes de pharmaceuticos com differente instrucção e ultimamente um deputado o sr. Hypolito Faure, pharmaceutico, muito conhecedor das necessidades da pharmacia, apresentou um projecto de reforma da pharmacia e inclue n'elle as duas formas de habilitação.

Na Belgica, Allemanha e outros paizes tambem o ensino da pharmacia é feito por duas formas.

Ora, meus senhores, quando nações d'um desinvolvimento intellectual tão prodigioso, adoptam um systema d'ensino mais consentaneo aos interesses publicos e profissionaes, devemos nós ir ensaiar um systema que tem contra si auctoridades tão dignas de credito?

A sociedade, na sua maioria entende actualmente que sim, eu sou d'opinião contraria, mas tenho diante de mim tantas auctoridades estrangeiras e d'este paiz, como Pedro José da Silva, Candido Xavier Cordeiro, o medico Bernardino Antonio Gomes, e outros, que não tenho receio de ser atravessado pelas settas dos meus adversarios que, á procura de argumentos para defenderem uma causa má, são os proprios

que reconhecem publicamente a sua incapacidade scientifica. Não pensem, meus senhores, que eu considero as duas habilitações pharmaceuticas do nosso paiz como sufficientes no estado actual de adiantamento em que se encontram as sciencias experimentaes. Longe de mim tal ideia e creio que me fazeis justiça não julgando o meu espirito obsecado por uma opinião, a tal ponto, que sustentasse semelhante absurdo.

Dos meus escriptos, das minhas palavras pronunciadas n'esta casa, quando foi objecto de discussão, a proposta do meu particular amigo o sr. Cunha, não se depreheende com justiça semelhante juizo.

Defender as duas habilitações, não é defender o estado actual do ensino pharmaceutico.

Este acho-o deficiente, mas por isso mesmo julgo-o susceptivel d'uma reforma que não vá além d'um augmento de varias disciplinas nas que cursam o curso irregular, subordinando-as especialmente ao ensino pratico e este só deve ser ministrado em escolas especiaes dirigidas por pharmaceuticos, a exemplo do que se dá nos estabelecimentos d'instrucção superior.

Não morreu o assumpto, ainda ha-de ser discutido, quando vós julgares que é occasião de apreciareis a reforma d'ensino pharmaceutico apresentada pela faculdade de medicina da universidade.

E é preciso que presteis toda a vossa attenção a este projecto para que elle não seja convertido em lei sem vós emittires opinião junto do governo.

Apesar das vossas ideias sôbre instrucção, eu não creio que possaes approvar um projecto em que o ensino é confiado exclusivamente a medicos, sem que a classe tenha ingerencia n'elle.

A universidade muito ciosa dos seus pergaminhos, não concede as honras de doutor ao pharmaceutico, para que este não seja nivelado com o advogado, o medico, etc.

Deixo á vossa illustrada consideração o tratar d'este assumpto com a maxima urgencia.

Proseguindo n'esta analyse não devo esquecer que a sociedade fez varias representações aos poderes publicos, sendo acompanhada, n'esta gloriosa mas quasi infructifera tarefa, pelo Centro Pharmaceutico Portuguez.

Uma arrematação de medicamentos feita por ordem do ministerio da guerra, n'uma villa do paiz, deu logar a que esta sociedade representasse contra ella por a julgar contraria ás leis.

Redigida a representação pelo nosso digno vice-presidente, que com tanta intelligencia dirige os trabalhos d'esta sociedade, por doença do sr. commendador José Tedeschi, e entregue no gabinete do ministro fomos advertidos por um funcionario muito distincto que taes arrematações não eram prohibidas pelas leis, pelo contrario, as proprias leis as auctorisavam.

Effectivamente, por decreto de dezembro de 1859, as arrematações de medicamentos eram auctorisadas collocando-as a par das arrematações de calçado, forragens, etc.

Causaria riso se nós, de ha muito, não estivéssemos costumados a presenciar factos que nos levam ao convencimento dos vicios e defeitos do nosso mechanismo administrativo.

Na pharmacia, principalmente e em tudo que se refere á saude publica, ha um cahos profundo que daria materia para varios volumes.

Meus senhores: Se factos se deram, que nos entristecem bastante e para os quaes só o esquecimento d'elles é o maior lenitivo, outros houve que nos honram e nos elevam na estima e consideração publicas.

Uma lei promulgada na ultima sessão legislativa em que se concede a gradação de major ao pharmaceutico militar mais antigo, devida á iniciativa d'um escriptor primoroso, d'um medico e litterato distincto, que maneja brilhantemente a penna, nos artigos de politica partidaria e nos de propaganda scientifica, foi o objecto do vosso jubilo.

E não querendo deixar no esquecimento a honrosa distincção conferida a um dos nossos collegas, elevastes á dignidade de membro honorario o distincto medico que tanto

se tem mostrado amigo da classe pharmaceutica, dispensando-lhe quotidianamente e sempre que pode, os favores compatíveis com a sua dignidade.

O nosso illustrado collega Silva Machado, que, com tanta intelligencia e notavel actividade desempenhou o cargo de 1.º secretario d'esta sociedade, publicou um livro intitulado: *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na Pharmacopéa Portugueza.*

Invocar os serviços que veio prestar á classe pharmaceutica, com a publicação do seu trabalho, seria superfluo, quando a imprensa pharmaceutica e medica, em artigos especiaes, os poz bem em relevo.

Quando em o nosso paiz a litteratura pharmaceutica é tão pobrissima, é sempre bem recebido qualquer trabalho onde se revele estudo e aptidão pouco vulgares, de que dá sobejas provas o livro do sr. Silva Machado.

Meus senhores: Parece-me ter chamado a vossa attenção para os factos mais notaveis occorridos no ultimo anno.

Resta-me agora dizer duas palavras sobre o que se me afigura d'uma elevada importancia social e societaria.

Ha muito tempo que se falla com interesse nas manifestações a realisar no proximo anno, para solemnizar o quinquagesimo anniversario d'esta sociedade.

Tudo o que se fizer para a elevação moral da classe, será promover o respeito dos governos e do paiz.

Com dois factos se pretende assignalar aquella data que ficará memoravel nos fastos d'esta sociedade.

Se fôr possível realisarem-se com o luzimento compativel com a nossa dignidade, serão os mais brilhantes fundamentos lançados n'este soberbo edificio iniciado pelo venerando presidente honorario o sr. José Dionysio Corrêa que me está escutando.

Este respeitavel ancião, vergado ao peso d'uma doença que lhe vae, passo a passo, minando a existencia, ainda se julga com forças para poder assistir a estes certamens da vossa intelligencia, e praza a Deus que assim aconteça.

Ainda o espero vêr, dotado ainda com todo o vigor d'es-

pirito e intelligencia, mostrar á geração nova o que pode uma iniciativa arrojada, acompanhada d'uma fôrça de vontade, soberba para poder vencer as immensas difficuldades que o assoberbaram ao implantar n'este paiz uma sociedade que tem atravessado á acção dos tempos coberta, se não de gloria, ao menos d'uma vida honrada e pura.

O congresso e a exposição pharmaceutica serão os dois certamens gloriosos que mostrarão ao paiz o que pode a pharmacia portugueza, encarada pelo dupla qualidade de scientifica e commercial.

Appello para todos vós, para a vossa vaidade que se deve orgulhar com taes manifestações, que assenteis n'esta idéa, conseguindo tambem que os descrentes, os eivados d'um scepticismo condemnsavel, por qualquer lado que se olhe, vos acompanhem n'esta pugna brilhante da vossa actividade e intelligencia.

Meus senhores: Tendo tratado largamente de varios assumptos, consenti agora que eu lamente a perda de dois dos vossos collegas, mais prestimosos e sabidos.

Ambos eram cidadãos probos, modestos, honrados e extremamente sinceros.

De Francisco Antonio Alves d'Azevedo, disse um seu biographo «que elle era um d'esses portuguezes antigos, de rija tempera, de convicções ardentes, de character francamente aberto, indifferente a todas as exterioridades fatuas, a todo o brilho futil, simples, modesto, honrado e sincero, e de um desprezo pelas exigencias do luxo, quanto ao seu vestuario, que chamava sôbre si a attenção de todos que viam n'elle a encarnação do philosopho.»

Se a estas qualidades, eu juntar a de um grande sabedor, um erudicto de primeira plana, que conhecia a fundo a botanica, a ponto de ser convidado por um illustrado lente da escola medica, para a classificação d'um horto botanico, teremos feito, em resumidas palavras a biographia de tão prestante cidadão.

Antonio Gomes Roberto, se não era tão erudicto como Alves d'Azevedo, tinha muita illustração como demonstrou

redigindo um jornal da especialidade, quando desempenhava as funcções de professor de pharmacia em Gôa.

Exercendo o cargo de vice-presidente d'esta sociedade, muitas vezes foi obrigado, pelas circumstancias, a vir dirigir os trabalhos.

De genio um pouco concentrado, e quem de perto tratava com elle é que podia apreciar as bellissimas qualidades moraes que ornavam aquella alma tão nobre e tão pura.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro vice-secretario, Joaquim Simões Serra, para dar conta dos assumptos seguintes:

**Programma das questões scientificas para o
50.º anno da sociedade**

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º, do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte:

PROGRAMMA

1.ª Questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos, de modo que representem as substancias de que são tirados?

2.ª Questão

Posologia dos extractos seccos?

3.ª Questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

4.ª Questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

5.ª Questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo d'amen-
doas doces?

6.ª Questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo, actualmen-

te empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chemicas das aguas potaveis, por elles conduzidas, demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade.

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de ouro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «*Ao membro benemerito*» e do outro o limbre da Sociedade e a legenda, «*Sociedade Pharmaceutica Lusitana*».

A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a Sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membro honorario.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez se os seus auctores fôrem naturaes d'este paiz, e em francez, se fôrem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*».

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes nem

sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authentico de que os seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade nos seus programas.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade, durante o quadregesimo nono anno

Pelo sr. Alfredo da Silva Machado, de Lisboa:—Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na Pharmacopéa Portugueza, elaborado por Alfredo da Silva Machado.

Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, de Coimbra:—O Hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto. Relatorio — Um dos projectos de hospitaes districtaes, com applicação ao novo hospital da Misericordia do Porto.—Regulamentos internos do hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto.

Pelo sr. A. J. d'Oliveira, de Coimbra:—Historia da medicina em Portugal (Apontamentos), por A. J. d'Oliveira.

Pela Camara Municipal, de Lisboa:—Archivo municipal de Lisboa.

Pelo «Colegio de Farmacéuticos, de Madrid:—Memoria resumen de la exposicion farmacéutica nacional, leida en el acto de la solemne distribucion de los premios, por el dr. D. Fausto Garagarza y Dugiols.—Estatutos reformados del «Colegio de Farmacéuticos de Madrid.»

Pelo sr. Commendador José Tedeschi, de Lisboa:—Enciclopedia médico-farmacéutica, de Barcelona.—La crónica oftalmológica, de Cádiz.—Los Avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo.—Semanaario farmacéutico, de Madrid.—La Gaceta de Sanidad militar de Madrid.—El Laboratorio, revista de farmácia y ciencias accessorias, de Barcelona.—El Monitor de la Salud, de Barcelona.—El Corsario, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias médicas, de Barcelona.—Giornale di medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini publicato dalla società di farmacia di Torino.—L'Orosi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Bulletin des travaux de la «Société de Pharmacie de Bordeaux».—Bulletin de la Société de Pharmacie du Sud-Ouest, Toulouse.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales.—L'union pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial annexe de l'union pharmaceutique.—Revista medica de Chile.—Gazeta medica da Bahia.—União medica, do Rio de Janeiro.—O Instituto, de Coimbra.—Boletim de Pharmacia, do Porto.—Journal de agricultura e sciencias correlativas, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—O Gremio litterario, do Fayal.—Gazeta dos hospitaes militares, de Lisboa.—Revista de medicina dosimetrica, baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do Dr. Burgraeve.—Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.—El Observador medico, do Mexico.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e sciencias ac-

cessorias, de Paris.—Moniteur de la Pharmacie Belge, de Bruxelles.—A Medicina contemporanea, de Lisboa.—Boletin de Ciencias Médicas, do Mexico.—Moniteur de la policlinique, de Paris.—Revista da Soidade Academica do Rio de Janeiro.—Crónica de especialidades medico-quirurgicas, de Cádiz.—Revue scientifique de la France et de l'étranger, de Paris.—Le Progrès pharmaceutique, de Lyon.—Paris médical, de Paris.—Revista Medico Quirurgica, do Mexico.—La Reforma Médica, de Mexico.—Revista Pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—O projecto Caldas Aulete perante a medicina portugueza.—Noticia de algumas séculas procedentes de Puerto Rico, por D. Ignacio Vivés y Noguez.—Questões hygienicas pelo dr. João Pires Farinha, do Rio de Janeiro.—Defeza da dosimetria, ou a reforma do dr. Burggraevé, por A. J. d'Oliveira Castro.—Amputação utero-ovarica, these por Joaquim Carlos de Mello e Minas.—Os aneurismas iliacos e a compressão da aorta abdominal, these por Aristides B. de Sousa.—Breves considerações sobre o mal perforante do pé, these por Joaquim Esmeraldo Nobre.—Duas palavras sobre as fracturas multiplas da bacia, these por Marianno Level Duarte.—Do hydrocele idiopathico, these por João Augusto Martins.—Do jiquirity como tratamento das granulacões da conjunctiva, these por Alvaro da Fonseca.—A morphiomania, these por Izidoro Nogueira d'Azevedo.—Paralysis infantil, these por Virgilio Machado.—Prenhez extra-uterina, these por Augusto Faustino dos Santos Crespo.—A sangria na pneumonia, por Francisco dos Reis Stromp.—A uropoese no estado febril, these por João Pedro d'Almeida.

Pelo Congresso das Associações Portuguezas: Relatorio sobre a federação dos serviços clinico e administrativo das associações de socorros mutuos de Lisboa, apresentada á junta do departamento do sul.—Trabalhos complementares do primeiro congresso das associações portuguezas. Relatorios das secções da junta departamental do sul.

Pelo sr. David Corazzi, de Lisboa: Historia da botanica em Portugal, por Anthero de Brito.

Pelo sr. Francisco de Carvalho, de Lisboa: Estatisticas geraes do serviço de saúde do exercito, nos annos economicos de 1877-1878 e 1878-1879.

Pelo sr. dr. Guilherme José Ennes, de Lisboa: Estudos de clinica militar, notas e observações colhidas em quatorze annos de pratica nos hospitaes militares.—Homens e livros da medicina militar.—A vida medica das nações.

Pelo sr. Henrique José Pinto, do Porto: Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do dr. Burggraevé.

Pelo sr. José Dionysio Corrêa, de Lisboa: Anuaire de thérapeutique, de matière médicale, de pharmacie et d'hygiène, 1884, par A. Bouchardat.

Pelo sr. José Marques Loureiro, do Porto: Catalogo geral e descriptivo das plantas cultivadas no Real Estabelecimento Horticola de José Marques Loureiro.

Pelo Ministerio do Reino: Collecção de leis e regulamentos geraes de sanidade urbana e rural, tomo 2.º, 1883.

Pela «Pharmacie Centrale de France»: Compte rendu de l'assen blée générale annuelle du 29 avril 1883.

Pelas redacções: — Annaes do Club militar naval.— Cor-

reio Medico de Lisboa. — Gazeta dos hospitaes militares de Lisboa. — Gazeta de pharmacia, de Lisboa. — Jornal de pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa. — A medicina contemporanea, de Lisboa. — O Instituto, de Coimbra. — Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra. — Jornal de horticultura pratica, do Porto. — Boletim de pharmacia, do Porto. — Boletim noticioso-commercial da «Casa pharmaceutica» do Porto. — A Sentinella da fronteira, de Elvas. — União medica, do Rio de Janeiro. — Tribuna pharmaceutica, do Rio de Janeiro. — Enciclopedia medico-pharmaceutica, de Barcelona. — La crónica oftalmologica, de Cádiz. — El Restaurador pharmaceutico, de Barcelona. — Revista pharmaceutica, organo de la «Sociedad nacional de farmacia argentina». — El Monitor de la salud, de Barcelona. — Boletim del Instituto medico valenciano. — Jornal da Sociedade das sciencias medicas, de Lisboa. — Revista Pharmaceutica, do Rio de Janeiro. — Revista de Ciencias Médicas, de Barcelona. — El Mercurio, de Hamburgo.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa:

—Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. — Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881. — Secção de medicina, relatorios dos srs. drs. Leonardo Torres e Jacintho Augusto. — Medicina, secção de botanica, relatorio do sr. dr. Julio Augusto Henriques. — La question du Zaire. — Stanley's first opinions. — Les institutions de prévoyance du Portugal, par Costa Goodolphim.

Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o 49.º anno da sua instituição

FÓRAM ADMITTIDOS

Para a classe de honorarios nacionaes

Dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem, *Lisboa.*

Joaquim dos Santos e Silva, *Coimbra.*

Para a classe de effectivos.

Francisco João da Rosa.

Joaquim Antonio Cardoso.

José Antonio da Motta.

José Augusto Pancada.

José de Mattos Saraiva.

Para a classe de correspondentes nacionaes.

Acelino Augusto Lopes, *Obidos.*

Antonio Martins Vidigal Salgado, *Benavente.*

Boaventura de Lima Sanches, *Campo Maior.*

Candido Ferreira da Motta, *Evora.*

Cesario Corrêa da Silva, *Crato.*

Joaquim Alves Christovão, *Alcoentre.*

Manuel Augusto da Motta Feliz, *Mangualde.*

Manuel Gomes Soares, *Povoa de Varzim*.

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes.

João Ferreira dos Santos, *Porto*.

José Maria Ribeira Retina, *Braga*.

FALLECERAM

Honorarios nacionaes

Antonio Gomes Roberto, *Lisboa*.

Effectivos

Francisco Antonio Alves d'Azevedo.

Correspondentes nacionaes

Ezequiel Augusto Barata Taborda, *Abrantes*.

Frederico Rodrigues Serra, *Caparica*.

João José de Brito Corrêa, *Benavente*.

Joaquim Pedro Bicho, *Castello de Vide*.

José da Costa, *Fronteira*.

RESUMO

Ficam existindo

Protectores.....	2
Benemeritos.....	28
Honorarios nacionaes.....	33
Honorarios estrangeiros.....	32
Effectivos.....	86
Correspondentes nacionaes.....	213
Correspondentes estrangeiros.....	26
	<hr/>
Total.....	420
	<hr/>

Finalmente, o sr. primeiro vice-presidente, José Ribeiro Guimarães Drack, disse o seguinte:

Meus senhores:—Acho-me n'este logar em virtude do artigo 7.º do nosso regimento interno.

A convalescença demorada do nosso illustre e respeitavel

presidente, o sr. Tedeschi, cuja voz eloquente tantas vezes tendes escutado aqui, obrigou-o a declinar a honra que immerecidamente me cabe, de presidir a esta festa, que para nós, pharmaceuticos portuguezes, recorda um dia auspicioso, como é o vinte e quatro de julho, de 1835, e nomes beneemeritos, como os do nosso presidente honorario e amigo presente, o sr. José Dioniysio Corrêa, José Vicente Leitão, Gregorio de Sousa Pereira e outros.

Homens dedicados ao trabalho, amantes da sciencia, fanaticos pelo progresso e lustre da especialidade que constituia a sua profissão, lançaram em um dia, como o de hoje, a pedra fundamental d'este edificio, tão modesto na apparencia, como fecundo em fructos para a patria e para a sciencia, cujo desinvolvimento e diffusão tem procurado alargar por todos os meios, e quanto os seus recursos de toda a especie lhe têm permittido.

Animou estes prestantes cidadãos e nossos collegas, no seu patriotico e levantado apprehendimento, o despontar da liberdade n'este canto da Europa occidental o qual, passando então a desfructar as docuras do novo regimen, que actualmente gosamos, deixou antever a todos os corações generosos, que pulsam forte ao pensar nas grandes reformas sociaes; um futuro mais brilhante, conquistado pelos esforços pacificos e não menos ingentes da intelligencia.

Animou-nos mesmo, principalmente, essa revolução pacifica e benefica, já então operada, em larga escala, no vasto campo da philosophia natural, aonde fôra iniciada pelos trabalhos maravilhosos de tres homens grandemente illustres, os quaes, de nacionalidades e condições differentes, constituíram na segunda metade do seculo passado uma trindade scientifica, que veio imprimir uma phase nova aos conhecimentos humanos.

Como vêdes, refiro-me a Schéele, cuja modestia quasi me inspira tanta veneração como os seus proprios trabalhos, ao buliçoso e erudito Priesteley, e ao afortunado Lavoisier, a quem a sorte caprichosa abandonou no fastigio da glo-

ria, para immolal-o ao furor de um governo imbecil e sanguinario, que pelo mais futil dos pretextos o fez subir ao cadafalso.

A sciencia tinha ainda tanto a esperar d'este ultimo, bruscamente arrancado aos seus trabalhos favoritos, que os desgraçados que constituiam o governo da convenção em 1794, só merecem o perdão da posteridade, porque não souberam o que fizeram. Felizmente para nós, pode dizer-se que Lavoisier tinha já formado, com os seus trabalhos experimentaes, um corpo de doutrina philosophica, por isso mesmo que elle, sendo dotado de uma viva penetração de entendimento e de um grande espirito tão incansavel como eminentemente pratico e investigador, já a esse tempo conseguira fazer a apreciação exacta e rigorosa de um grande numero de phenomenos. Armado com a balança, até então inutil nos dominios da chimica, ou cuja importancia incalculavel era ainda desconhecida, soubera ir sempre de deducção em deducção com a fina logica e com a clareza de raciocinios, que na sua mão foram a vara magica, com a qual elle, como um verdadeiro genio, derrocou as antigas theorias da sciencia, até então indecisa, e sem orientação certa e racional.

E, embora antecedido por dois astros de primeira grandesa, por Bacon e por Descartes, os quaes por processos até certo ponto oppostos lhe traçaram o caminho que elle e os outros reformadores deviam seguir—por tal forma soube fazer a *observação e a experiencia* dos factos, applicando o *methodo*, ensinado pelo primeiro, que foi elle, verdadeiramente, quem criou a chimica moderna juntamente com Schéele e Priesteley.

Pois bem, meus senhores, a chimica e a physica acabavam de receber um impulso estranho e formidavel dos trabalhos d'estes três experimentadores singulares. Ao tempo que Lavoisier encetava as suas manobras no campo das investigações, baseado em uma solida instrucção, ministrada em mathematicas e astronomia pelo abbade *la Caille*, em botanica por Jussieu, e na propria chimica pelo afama-

do Rouelle; ao tempo que punha ao serviço do seu saber e do seu talento raro uma fôrça de vontade prodigiosa e uma fortuna, que lhe proporcionava todos os recursos appeteciveis para o bom exito das suas aspirações, o immortal Schéele, simples ajudante de pharmacia por muito tempo, exercitava constantemente a sua actividade fecundissima sobre o estudo dos phenomenos que a pratica da pharmacia quotidianamente lhe proporcionava. As suas horas de applicação, roubava-as elle ao descanso da noite; os seus apparelhos, com os quaes tantas vezes surprehendeu os mysterios da natureza, eram os que as pharmacias modestas, onde trabalhava, lhes proporcionavam; os copos para agua lhe serviam de campanulas; nas bexigas de porco recolhia os gazes, e mais de uma vez as diabruras dos companheiros lhe transtornavam o resultado das observações minuciosas e delicadas. Pois com taes elementos foi um emulo digno de Lavoisier. Em quanto *este pesava e fazia* o estudo de muitos corpos pelo methodo synthetico, que lhe dava a chave dos segredos até então vedados ao homem, Schéele por meio da *analyse* chegava ás vezes aos mesmos resultados, e descobria no reino organico e no inorganico uma lista tão longa como interessante de corpos, cuja composição era ignorada. Priesteley fizera verdadeiros prodigios com a electricidade no mesmo campo das descobertas. A pharmacia, que fôra sempre o berço das sciencias, e o proprio theatre das operações de muitos dos seus mais dilectos cultores, viu diante de si um vasto campo, illuminado pelos clarões deslumbrantes que emittiam de si as theorias do grande Lavoisier, já então aceites pela maioria dos chimicos.

Ateara-se por toda a parte o fôgo sagrado, que alentava a actividade dos obreiros mais dedicados da sciencia.

A pharmacia portugueza, impressionada tambem pelos acontecimentos que acabo de vos esboçar, e fascinada principalmente pelo exemplo seductor da França, que caminhava na vanguarda da reforma, quiz incorporar-se na phalange que havia de corrigir os antigos erros, afeiçoar e

enriquecer a sciencia com dados novos; ou quiz ao menos seguir de perto essa phalange.

E assim nasceu a nossa sociedade, em 24 de julho de 1835 e, acto continuo, o seu jornal.

Já em setembro de 1834 se estreara nos conselhos da corôa um estadista de pulso vigoroso, e a todos os respeitos notabillissimo.

A instrucção publica fôra para elle a mais seria preocupação.

Intelligencia resplandecente, parece que considerava como principio axiomatico, que a regeneração e a prosperidade das nações têm por ponto de partida a saude e a robustez de seus filhos, bem como o seu grau de illustração. *Mens san in corpore sano.*

Assim, nós o vemos dar os estatutos á escola medico-cirurgica do Porto, logo em outubro do mesmo anno, isto é, um mez depois da sua ascensão ao poder e, em seguida, refundir e vasar em melhores moldes alguns estabelecimentos scientificos, e crear outros novos, tanto em sciencias de applicação como principalmente em bellas artes. Em 1836 cria as escolas de pharmacia annexas á universidade e ás escolas medico-cirurgicas.

A organização d'estas escolas, perante o estado da pharmacia n'aquella época, entre nós, e como medida transitoria, significava já um passo assignalado para a renascença que devia seguir-se-lhe e pôr-nos ao nivel moral e scientifico das outras nações, embora tivesse o defeito de não nivelar a instrucção entre todos os membros da nossa classe.

Porém, desde a iniciativa de Manuel da Silva Passos, o concurso indispensavel do governo para o progresso da pharmacia tem atravessado um periodo de incubação tal, que parece interminavel. Uma pausa assim faz suppôr, por momentos, que um poder occulto, qual associação da mão negra, machina nas trevas a nossa ruina, condemnando-nos á immobilidade.

Todos os esforços e tenacidade d'esta benemerita associação, e isto só lhe bastaria para justificar o titulo, apêsar

de ininterruptos, se têm baldadamente quebrado junto á indifferença obstinada dos nossos estadistas.

Eu duvidaria até do fundamento e da importancia das nossas constantes e reiteradas solicitações sôbre este ponto verdadeiramente momentoso para o decoro e interesses nacionaes, se o exemplo das outras nações, incluindo o proprio Brasil, para vergonha nossa, e se a voz da consciencia me não pezasse mais no espirito, do que a incuria e o desdem dos nossos imperantes, os quaes por alguma d'estas causas, que não por outras, se têm mantido firmes na contumacia.

Mas hoje não é dia proprio para exprimir-mos os nossos sentimentos de agravo, nem val esmorecer, meus amigos.

A França, desvairada, respondeu ás fecundas e brilhantes concepções de Lavoisier, apontando-lhe para o cadafalco; a Suecia, contemporanea de Schéele, esqueceu-se d'elle, se por ventura lhe não ignorou o nome illustre, deixando-o morrer pobre e ignorado; a Inglaterra mais de uma vez perseguiu Priestley, chegando a fazer presa das chammas a casa d'este sabio e os poucos bens que n'ella se continham. Antes d'estes, Socrates, Galileu, e tantos outros benemeritos da humanidade, cujos nomes vós conheceis melhor do que eu, obtiveram a recompensa com que as sociedades inconscientes agradecem quasi sempre aos seus mais acrisolados bemfeitores.

Se tem sido esta a sorte de muitos genios, que passam raro sôbre a terra, como os metéoros pelo nosso firmamento, que admira pois, que tão somente a indifferença governativa tenha respondido ás sollicitas indicações e aos esforços desinteressados d'esta sociedade, cujo lemma é—*o progresso da pharmacia e tudo, o que nos limites da sciencia fôr concernente á saude publica?*

A essa indifferença, que eu não pretendo classificar, mas que recentemente uma authority ¹ insuspeita e desapaixo-

¹ O nosso respeitavel e digno consocio benemerito, ex.^{mo} sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, na sua oração da sapiencia, feita em 16 de outubro de 1881, por occasião da abertura das aulas da Universidade de Coimbra, re-

nada julgou vergonhosa e miseravel nas suas consequencias, opponhamos nós a persistencia tenaz, a resignação paciente dos apóstolos da verdade, que, seguros da orthodoxia dos principios que defendem e obedecendo á voz da consciencia, luctam até á victoria.

E se esta não chegar nos nossos dias, nem por isso morreremos menos tranquillos a tal respeito.

Entretanto, quando alguma grande calamidade, d'estas que o terror precede e trazem consigo a desolação, pairar sôbre a patria, se a nossa intervenção para a esconjurar fôr immediatamente necessaria, saberemos dar exemplo do que é a dedicação e o amor pela humanidade.

Oxalá que o flagello que parece ter a sua origem nas margens inhospitas do Ganges, e ora opprime uma parte da França, não transponha as nossas fronteiras; mas, se tal succeder, a pharmacia portugueza mais uma vez terá occasião de offerecer, em holocausto aos seus concidadãos, os commodos da vida e essa mesma.

Acostumada instinctivamente, por assim dizer, e em todos os tempos, a valer ao pobre e ao rico, prestando-lhes sem distincções, nem restricções de especie alguma, tanto os soccorros de profissão como da propria medicina, nas conjuncturas difficeis e apertadas, ella conhece, pela pratica, o que é o civismo e a caridade christã, na accepção mais nobre e elevada d'esta palavra.

Incitar-vos ao exercicio d'estas virtudes, em sacrificio da humanidade, seria offender-vos, esquecendo o passado de muitos de vós, que sois um nobre exemplo para aquelles que ainda não têm atravessado épocas tão dolorosas, como a que actualmente pesa sôbre Marselha e Toulon.

ferindo-se ao ensino pharmaceutico, disse: «que estavamos fazendo uma excepção vergonhosa, unica e á parte, de tudo que elle conhecia das differentes universidades da Europa; que um facto d'esta ordem, tão estranho, tão excepcional e tão scientificamente miseravel, é mais que sufficiente para o descredito de um paiz qualquer, em assumptos de saude publica e do ensino de sciencias medicas, e parecia incrivel que nos tenhamos conservado até hoje n'um atraso deploravel!»

Meus senhores, desejava ainda fallar-vos de uma questão palpitante, que já tem sido tratada pormais de uma vez n'este logar e sôbre ella desinvolver as minhas idéas — o uso no nosso paiz dos medicamentos estrangeiros de composição conhecida e desconhecida; mas, de consideração em consideração, já insensivelmente ultrapassei o ponto que devia respeitar, para não abusar da vossa delicada benevolencia em me escutar.

Sinto não ter-vos offerecido um discurso que á opulencia e primor do estylo reunisse a elevação dos conceitos que vos captivassem os animos, como tinheis direito a esperar de quem se assenta n'esta cadeira; mas, lembrae-vos de que eu, desde os bancos das escolas, habituado ao recinto do laboratorio, mal poderia sair do campo da chimica e da pharmacia, que exerço por igual, para seguir o exemplo instructivo dos meus illustres antecessores n'este logar.

Sem possuir, como elles, a eloquencia que arrebatava, nem a sciencia complexa e transcendental que, surprehendendo a natureza no seu mecanismo magestoso e na sua marcha triumphal através dos tempos, se eleva em conjecturas até ao campo infinito e vago da metaphysica, contento-me em ter conjurado a vossa attenção para os problemas que mais directamente nos interessam. E assim termino.

A's onze horas encerrou-se a sessão. — O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos

VARIIDADES

Tratamento da diptheria pelo bromo

O sr. Hiller recommenda a medicação bromada na diptheria. Sobre 50 casos pessoas teve um só fallecimento (na convalescença, pela myocardita). Segundo Schutz e Gotwald, combina as lavagens e as inalações; as primeiras devem ser feitas todas as duas ou tres horas, com o soluto seguinte:

Bromo puro.....	aã
Brometo de potassio.....	0,50 a 1 gram.
Agua distillada.....	200 »

F. s. a.

Para as inalações (5 a 10 minutos de duração, todas as horas ou todas as duas horas, segundo a gravidade dos casos). Hiller applica o soluto seguinte:

Bromo puro.....	aã
Brometo de potassio.....	0,60 gram.
Agua distillada.....	300,00 »

F. s. a.

As pesquizas experimentaes de Hiller confirmam estes resultados therapeuticos; os solutos bromados dissolvem bem as membranas dipthericas e os solutos de bromo, de 2 a 4 por 100, desinfectam perfectamente os liquidos infectuosos.

Palmilhas contra a transpiração dos pés

A transpiração dos pés é um grave encommodo para as pessoas que são affectadas. E' prudente fazer cessar esta exsudação? Ha opiniões encontradas: alguns medicos opinam que não ha perigo com a cessação de transpiração e, por este motivo, aconselham as loções aquosas adstringentes com a casca de carvalho, tannino, extracto de saturno,

etc.; outros aconselham que se deve conservar esta enfermidade, prescrevendo-lhe um agente não toxico e que tenha a propriedade de neutralisar o cheiro. Para este fim o sr. Estanislau Martin indica a formula seguinte:

Permanganato de potassa.....	1 gram.
Agua distillada.....	100 »
Thymol.....	30 gotas.
F. s. a.	

Humedece-se n'este soluto papel de filtrar, panno de linho, algodão, palmilhas de cortiça ou de palha e deixe secar. As palmilhas devem ser cortadas de maior tamanho e todos os dias renovado um par. A pelle dos pés não deve ser corada pelo permanganato de potassa e, quando assim aconteça, applica-se ás palmilhas, depois de sêccas, uma ligeira camada de collodio, clara de ovo ou tinctura de benjoim.

Transporte dos microorganismos da terra no ar

O sr. Bantlech tem feito varios ensaios e divergem dos obtidos pelo sr. Naegeli e outros observadores.

Tem humedecido areia calcinada, da rua ou de jardim, com diminuta quantidade de argilla, de um liquido contendo bacterias e cobre-a com uma campanula de vidro; depois de algumas horas a agua condensa-se nas paredes internas da campanula, acompanhada dos microorganismos que preexistam no liquido empregado.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1884

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Às sete horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

Por proposta do sr. Alfredo Machado foi eleito socio honorario o sr. Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos chimicos do laboratorio da Universidade de Coimbra.

Foi eleito membro da commissão de historia natural o sr. Antonio Joaquim Pinto Junior.

O socio *Fragoso* chamou a attenção da sociedade para dois factos que julgava importantes.

O primeiro versava ácerca da interpretação dada pelos escriptores de fazenda á lei sobre o real d'agua, em que exigem do pharmaceutico os direitos correspondentes ao alcool que consomem nas suas officinas.

Entendia que o pharmaceutico não era mais do que um revendedor e como tal não deve ser obrigado ao pagamento do impôsto, por isso que das casas onde elle se fornece já o têm pago. Além d'isto, os medicamentos em que entra o alcool não podem ser considerados como bebidas e a estas é que o impôsto deve ser exigido. Foi assim que em França interpretaram a lei quando se levantou uma questão identica.

Desejava que a sociedade tomasse a iniciativa d'esta questão, que era importante.

O outro facto tambem devia merecer todas as attenções e é o seguinte:

A Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra elaborou um projecto de lei em que cria a *Faculdade de Pharmacia*; mas, ao passo que toma a iniciativa da refor-

ma dos estudos pharmaceuticos, exclue estes do ensino e entrega-o exclusivamente aos medicos.

Por enquanto não discutia a questão por lhe parecer prematura, e pedia á sociedade tratasse immediatamente de estudar o projecto, discutindo-o para lhe oppôr quaesquer objecções á sua adopção.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram nove horas.—
O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 8 DE ABRIL DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Em consequencia de não estar presente o sr. primeiro secretario, e não podendo o sr. segundo secretario escrever, por lh'o inhibir o seu estado de saude, o sr. presidente convidou os srs. Coelho de Jesus e Queiroz a occuparem os referidos logares.

Não foi lida a acta da sessão antecedente por não ter sido apresentada pelo sr. segundo secretario, que declarou que lhe não tinha sido possivel escrevel-a em virtude da rasão exposta.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura de um officio da Academia Real das Sciencias, de 2 do corrente, em que enviava a esta sociedade bilhetes de admissão para a conferencia que devia realizar-se no dia 5 do presente mez.—
Recebido com agrado.

Foi apresentado um livro, offerecido pelo ex.^{mo} sr. Guilherme José Ennes a esta sociedade, que delibero se lhe agradecesse a sua offerta.

Antes da ordem da noite pediu a palavra o sr. Carvalho que, sendo-lhe concedida, pediu explicações á mesa, afim de o elucidar ácerca de ter ou não sido dado licença, pelo governo, ao sr. André Gonçalves Pinto para fazer exame de pharmacia sem ter as habilitações prescriptas pelas leis vigentes.

O sr. *presidente* disse que não tinha conhecimento de que houvesse sido concedida ao sr. Gonçalves Pinto licença alguma, porém sabia que estava estudando em Coimbra.

O sr. *Carvalho*, usando novamente da palavra, propoz que se representasse ao governo, para não sancionar tal licença.

O sr. *Coelho de Jesus* declarou que era da opinião do sr. *Carvalho* e por isso que também opinava pela representação.

O sr. *Fragoso* disse que não se conformava com a proposta do sr. *Carvalho*, por que o sr. G. Pinto se apresentava com documentos taes que permittiam ao ministro, em face das leis vigentes, conceder-lhe a dispensa dos preparatorios que lhe faltavam, o que já havia sido concedido a outros aspirantes pharmaceuticos; e fez diferentes considerações ácêrca do assumpto.

O sr. *Carvalho*, sustentando a sua proposta, disse que, embora o governo a não tomasse na devida consideração, era comtudo um protesto que devia ficar consignado.

O sr. *Simões d'Abreu*, declarando que era da opinião do orador que o precedeu, disse mais que os documentos do sr. G. Pinto, embora apresentados como legaes, tinha sobrejos motivos para os não julgar conformes, e por isso votava pela proposta do sr. *Carvalho*.

O sr. *Fragoso* requereu que se procedesse á votação da proposta do sr. *Carvalho*.

Procedendo-se á votação a proposta de representação do sr. *Carvalho* não foi approvada.

Passou-se á ordem da noite: eleição de um socio honorario e de commissões.

O sr. *Coelho de Jesus*, usando da palavra, disse que, apesar de não ter sido lida a acta da sessão anterior, estava bem certo do que se havia passado e por isso perguntava, qual a razão porque se havia feito uma circular contra o que se havia approvado na sessão anterior, de ser discutida e não se eger uma commissão para tratar da proposta do sr. Carlos Richter.

Os srs. *presidente* e *segundo secretario* declararam que isso havia sido, sem duvida, por lapso involuntario do sr. primeiro secretario.

O sr. *Coelho de Jesus* julgava, em vista d'esta falta, conveniente o não se discutir a proposta do sr. C. Richter por isso que muitos socios, julgando de somenos importancia a eleição da commissão, teriam deixado de comparecer á sessão, e portanto propunha que a discussão ficasse adiada.—Posta esta proposta á votação foi approvada.

O sr. *Machado* propoz que se fixasse uma sessão extraordinaria para tratar exclusivamente d'este assumpto.—Posta á votação foi regeitada.

Foi eleito por unanimidade, socio honorario, o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem.

Em seguida procedeu-se á eleição da commissão que deve dar parecer sôbre o *Elucidario* do sr. Machado, que ficou composta dos seguintes socios: dr. Joaquim José Alves.—José Ribeiro Guimarães Drack.—Manuel de Jesus Abrantes.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão. Eram dez horas e meia da noite, dando o sr. presidente para ordem da noite da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras.—Pelo segundo secretario, *José Baptista da Fonseca Queiroz*.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 137)

NELUMBIA.

Nymphaeaceae. *Salisb.*

Nymphaea alba. L.

Golfão branco.

Hab. nas vallas, poços e paúes dos campos do Tejo, Mondego, Vouga e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as flores e a raiz recente.

Emp. as flores são muito mucilaginosas e emollientes; Alibert considera-as ligeiramente narcoticas. A raiz é muito feculenta e gosou já de grande reputação como sedante e antiaphrodisiaca. Ainda hoje se emprega em alguns paizes o xarope de nymphéa. Pouco usado.

Nuphar luteum. Smith.

(*Nymphaea lutea*. L.)

Golfão amarello.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

PARIETALIS

Cistaceae. D. C.

Cistus ladaniferus. L.¹

Esteva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Barreiro e nas nossas provincias do Alemtejo, Extremadura, Douro e Beira.

Flor. na primavera.

P. u. a resina cirosa obtida, pela decocção na agua, das summidades floridas.

Emp. entra na composição de alguns emplastros resolutivos e de algumas preparações odoríferas².

Droseraceae. D. C.

Drosera rotundifolia. L.

Rosella, Orvalhinha ordinaria.

Hab. nas serras do Gerez, Montesinho, Estrella e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. no estio.

¹ Variedade β . *maculatus*. Dun. (*C. grandiflorus*. Pourr.) Barreiro, Coimbra, Adorigo, Alfandega da Fé, etc.

² Póde substituir-se-lhes o que provém do *Cistus creticus*. L. especie do Levante (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

P. u. toda a planta.

Emp. como peitoral. Aconselha-se tambem nas ophthalmias. Pouco usado.

Drosera longifolia. L.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, na matta de Antanhol, e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Violariaceae. D. C.

Viola tricolor. L. var. *arvensis*. D.C. ¹

Amor perfeito, Herva seraphica ou da Trindade.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. Tem sido preconisada contra a crosta leitosa e em algumas molestias cutaneas pouco intensas, como depurativo.

Viola odorata. L. ²

Viola ou Violeta de cheiro.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, serras de Cintra e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como emolliente e diaphoretico.

Viola canina. L. ³

(*V. ericetorum*. Schrad. *V. silvestris*. Lam.)

Violeta brava, Beneffe da Beira.

¹ A *Viola tricolor*. L. tem as seguintes variedades: α . vulgaris. Lge.; arenaria. Sond.; γ . hortensis. D.C.; δ . alpestris. D.C.; ϵ . arvensis. D.C.; σ . segetalis. Jord.; ϕ . parvula. D.C.

² Variedade scotophylla (*V. scotophylla*. Jord.)

³ Variedades: β . montana. Horn. (*V. montana*. L.); γ . lucorum (*V. lucorum*. Rehb.); δ . minor. Lge. (*V. flavicornis*. Sm., *V. canina sabulosa*. Rehb.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Bragança, nas serras da Arrabida e Monchique e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

P. u. as folhas e flores.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém as suas propriedades pharmaceuticas são menos activas.

PEPONIFERAE

Cucurbitaceae. Juss.

Bryonia dioica. Jacq.

Bryonia, Norça branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em outros pontos do paiz.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz.¹

Emp. internamente como purgante drastico, externamente como resolvente.

Citrullus vulgaris. Schrad.²

(*Cucumis citrullus.* Ser.; *Cucurbita citrullus.* L.)

Melancia.

Planta originaria da Africa e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor no estio.

P. u. as sementes³.

Emp. como antiphlogistica e pertencem ao grupo das chamadas sementes frias⁴.

Ecbalium elaterium. Rich.

(*Momordica elaterium.* L.; *Elaterium cordifolium.* Mnch.; *Ecbalium agreste.* Rchb.)

¹ A melhor epocha para se colhêr a raiz é no outomno.

² Variedades: α . Pasteca; β . Jacé.

³ Vulgarmente chamadas *pevides*. As *pevides* deverão ser privadas do epis-perma só na occasião do emprego.

⁴ Antigamente tambem eram consideradas sementes frias as *pevides* do melão, pepino, abobora e colombo.

Pepino de S. Gregorio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. os fructos e raiz.

Emp. os fructos como purgante hydragogo, e tambem se tem reputado como emenagogo; a raiz foi aconselhada por Celso como antipsorica. Os arabes a empregam muito contra a ictericia e dizem que tambem contra a chlorose⁴.

Lagenaria vulgaris. Ser.

(*Cucurbita lagenaria*. L.)

Cabaço, Colombro, Abobora carneira.

Planta originaria da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o peponideo e as sementes².

Emp. o peponideo como purgativo e as sementes como refrigerantes. Pouco usado.

Cucumis sativus. L.

Pepino.

Planta originaria da Tartaria e da India e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. o epicarpo³.

Emp. para confeccionar a pomada de pepinos que se usa

¹ A raiz do pepino de S. Gregorio é um purgante drastico, e talvez se possa empregar na falta da raiz de Bryonia. Em Inglaterra empregam muito contra a hydropieia a fecula extrahida dos fructos do pepino de S. Gregorio, e é a esta fecula que se dá o nome de *elaterio* nas pharmacias. Em Coimbra tambem se empregam muito os fructos d'esta planta, na medicina popular, contra a ictericia, e na falta d'elles as fôlhas. O principio activo d'esta planta é a *elaterina* que se extrahе esgotando o fructo pelo alcool. A elaterina é um purgante violento na dose de 3 a 6 milligrammas. Os fructos do pepino de S. Gregorio devem ser colhidos antes da plena maturação.

² Vulgarmente chamadas *pevides*. Empregue o peponideo privado do epicarpo e das sementes.

³ Vulgarmente chamado *casca*. Golha os fructos dos pepinos só quando se acham completamente maduros.

no curativo de algumas feridas; tambem gosa de propriedades emollientes ¹.

Cucumis melo, L. ².

Melão.

Planta originaria da Persia e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ³.

Emp. como refrigerantes e laxativas. Pouco usado.

Cucurbita pepo, L.

Abobora porqueira.

Planta originaria do Levante e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes ⁴.

Emp. efficazmente para expulsar a tenia e as lombrigas; tambem podem ser usadas como refrigerantes e peitoraes ⁵.

OPUNTIAE

Cactaceae. D.C.

Opuntia vulgaris. Mill.

(Cactus opuntia. L.)

Figueira da India.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz, principalmente nas provincias do sul.

1 O povo emprega o chá da casca do pepino para combater as dores de colica.

2 Variedades: α . reticulatus. Ser.; β . Cantalupo. Ser.; γ . deliciosus (C. deliciosus, Roth.)

3 Vulgarmente chamadas *pevides*. As pevides deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

4 Vulgarmente chamadas *pevides*. As pevides deverão ser privadas do episperma só na occasião do emprego.

5 Podem substituir a *Curcubita Pepo*, L. a *C. mazima*, Duch. (Abobora manganga) e a *C. Melopepo*, L. (Abobora menina).

As pevides de quasi todas as Cucurbitaceas gosam de propriedades antelminticas.

Flor. na primavera.
 P. u. os fructos.
 Emp. como temperantes¹. Pouco usada.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

FORMULARIO

Acido borico contra a diphtheria

(Harrie)

Acido borico.....	7	grammas.
Glycerina.....	15	»
Agua.....	15	»

M. s. a. Applica-se na superficie doente, nos intervallos menos ou mais longos, á medida que diminua a formação das falsas membranas e os symptomas da doença.

Collyrio contra as opacidades da cornea

(Gaudron)

Sulfato de cadmio.....	0,05	cetigram.
Mucilagem liquida de gomma..	10,00	gram.

F. s. a.

Injecção subcutanea d'ergotina e chloroformio

(Dr. Atkinson)

Ergotina de Bonjean.....	7,50	gram.
Agua distillada.....	22,40	»
Chloroformio.....	2,00	»

F. s. a. Cada centimetro cubico d'este soluto contém 30

¹ Dos fructos d'esta planta obtém-se um magnifico alcool. Em Barcelona usam muito d'um oleo medicinal que é feito com os fructos da Figueira da India, que é applicada em fricções para debellar as dores inflammatorias.

centigrammas d'ergotina, d'ose que não deverã ser excedida.

Segundo este auctor, a associaçã do chloroformio á ergotina, como pratica Simpson, concorre para conservar os solutos destinados ás injectções subcutaneas, durante semanas, sem alteraçã do liquido; e, alã d'isto, o mesmo chloroformio attenua a dõr occasionada pelas injectções d'ergotina solvida na agua e da glicerina.

Injecção tannica contra a diphtheria

(Couzot)

Tannino.....	40 gram.
Mucilagem arabica.....	100 »
Espirito d'hortelã pimenta.....	40 »

F. s. a.

Iodoformio no tratamento do lupus erythematoso

(Besnier)

Iodoformio.....	} aã 10 centigram.
Sabão medicinal.....	

F. s. a. uma pilula. Administra-se ao doente duas pilulas por dia; e, se o iodoformio é bem tolerado, pode-se augmentar esta d'ose até á de um gramma de substancia activa por dia.

Mistura purgativa

(Bonnati)

Fõlhas de senne.....	6 a 12 gram.
infunda em	
Agua fervendo.....	300 gram.
filtre e ajunte	
Hydrato de chloral.....	1,50 a 4 gram.
Xarope simples.....	30 gram.

Misture. Este preparado tem dado excellentes resultados, nos casos em que a jalapa e o oleo de croton não tenham produzido effeito.

Oleo de croton contra a tinha

(Descroizilles)

Oleo de cacão.....	10 gram.
Cera branca.....	10 »
Oleo de croton.....	20 »

F. s. a.

Pó de iodoformio contra o cancro

(Gille)

Iodoformio.....	18 gram.
Sulfato de quinina.....	3 »
Essencia de hortelã-pimenta.....	40 gôtas
Carvão pulverisado.....	15 gram.

M. s. a.

Poção antiescrofulosa

(Guibout)

Julepo gommoso.....	120 gram.
Iodeto de potassio.....	4 gram.
Tinctura de iodo.....	10 a 20 gôtas.
Tannino.....	1 gram.
Xarope de quina.....	20 »

F. s. a. O iodo encontra no tannino um correctivo que impede irritar o estomago e na quina um util adjuvante.

Poções de apomorphina

(Rossbach)

1. ^a —Chlorhydrato de apomorphina.	3 a 5 centigram.
Acido chlorhydrico diluido.....	50 »

Agua distillada..... 150 gram.

F. s. a. Administra-se uma colher, todas as duas horas, para facilitar a expectoração nos tysicos.

2.^a—Chlorhydrato de morphina... 3 centigram.

Chlorhydrato de apomorphina..... 3 a 6 »

Acido chlorhydrico diluido..... 50 »

Agua distillada..... 150 gram.

F. s. a. Administra-se uma colher, todas as duas horas, para facilitar a expectoração e acalmar a tosse.

Pomada de acido borico

(Championnière)

Acido borico bem pulverisado..... 60 gram.

Vaselina..... 30 »

F. s. a. Tem sido empregada nos eczêmas mui fetidos.

Para fazer esta pomada com o cheiro mais agradável, o sr. dr. Delaporte recommenda addicionar a este preparado mais 0,50 gram. de balsemo peruviano.

Tratamento da dacryocystita

(Galezowsei)

Unguento duplo hydrargyrico..... 6 gram.

Vaselina..... 4 »

Camphora..... 25 »

F. s. a. Para unções na região do sacco lagrymal e depois recobrir com a cataplasma de arroz.

Tratamento das ephelidas

(Unna)

Oxydo de bismutho..... } aã 4 gram.

Amido de arroz mui puro..... }

Kaolin..... 8 »

Unguento de glicerina..... 20

Essencia de rosas..... 10 gôtas

F. s. a. Para fricções com pincel e recobrir de cassa.

Tratamento da epilepsia

(Charcot)

Brometo de potassio..... 8 gram.

Brometo de ammonio..... 4 »

Agua distillada..... 200 »

F. s. a. Na primeira semana, quatro colheres das de sopa e, na segunda semana, seis das ditas colheres.

Tratamento das syphilidas vulvárias

(Martineau)

Agua distillada..... 1 litro.

Hydrato de chloral..... } aã 10 gram.

Tinctura de eucalypto..... }

M. s. a. para loções.

Xarope bechico

(Dr. Gallois)

Xarope de balsamo de Tolú..... 25 gram.

Xarope de sulfato de morphina..... 25 »

Agua de loureiro-cerejeira..... 5 »

Misture. Administra-se em duas poções, durante a noite, a fim de diminuir os quintos de tosse, promover o somno aos tuberculosos ou ás pessoas que soffrerem affecção aguda das vias respiratorias.

Xarope expectorante

(Mason)

Chloreto de ammonio..... 12 gram.

Tartaro emetico..... 0,12 centigram.

Sulfato de morphina.....	0,18
Xarope de alcaçûs.....	120,00 gram.

F. s. a. Para tomar, uma colher das de café, todas as quatro horas, contra a tosse persistente com expectoração difficil.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Conferencias scientificas e os bacillos da expectoração

As conferencias interessantissimas do distincto professor de chimica da escola polytechnica, José Julio Rodrigues, de que os periodicos têm dado noticias mais ou menos desenvolvidas e que serviriam para acreditar o seu auctor, no mundo scientifico, se d'isto ainda carecesse, levaram-nos a escrever este artigo.

Com effeito, lêmos n'um diario, que tem apresentado extractos bastante desenvolvidos, umas observações d'um dos seus esclarecidos redactores a respeito dos microbios, que nos despertaram a attenção.

Fizeram-nos recordar o apreciavel artigo do dr. Carlos Moniz Tavares, um dos illustres redactores da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, d'onde com a devida venia, vamos extrahir a parte que mais directamente nos interessa.

O professor Debove apresentou-se defensor da doutrina dos microbios e, para elle, a tuberculosa é sempre resultante de contagio; a tísica não se manifesta, sem se haver recebido do exterior o germen da doença, o bacillo especifico, mas disposições ha hereditarias ou adquiridas, que podem facilitar o contagio.

A existencia dos bacillos nos esputos dos doentes caracteriza a tuberculosa pulmonar.

A quantidade d'elles é muito variavel de um dia para o outro e até n'um só dia. Tambem têm sido encontrados no pus dos abcessos e mais particularmente dos abcessos

frios, nas materias fecaes e na urina; e, em todos os casos, a presença d'elles tem feito reconhecer a tuberculosa, e por esta circumstancia, assim como Debove diz que todos os medicos, mesmo sem serem micrographos, devem saber procurar os bacillos da tuberculosa, nós dizemos que todos os pharmaceuticos devem conhecer os processos de reconhecer a existencia dos bacillos e ter nas suas pharmacias os artigos necessarios, para rapidamente fazerem analyse quando lhes seja reclamada.

D'entre o consideravel numero de processos, preconizados para reconhecer a existencia dos bacillos, Debove só descreve dois, o de Koch, por ser o do descobridor do bacillo especifico da tuberculosa, e o de Ehrlich, como o mais simples, o mais pratico e o que permite reconhecer a existencia do parasita mais facil e rapidamente.

No processo de Koch, mergulha-se a peça, que se pretende examinar, n'um liquido, compôsto de um gramma de soluto alcoolico de azul de methylene, cem grammas de agua distillada, e dois decigrammas de soluto depôtassa (de 1 : 10). Retirada a peça do banho, depois de vinte e quatro horas de imerção, acham-se corados de azul todos os elementos cellulares, bem como todos os micro-organismos e parasitas da preparação, e para distinguir os da tuberculosa, basta tornar a mergulhar a peça n'um soluto aquoso de vesuvina; no fim de minutos, só os bacillos da tuberculosa se conservam azues, tudo o mais se torna pardo. Não ha, pelo menos, não se conhece até agora, micro-organismo algum susceptivel de se corar por esta forma e com o qual se dê a mesma reacção micro-chimica, com excepção unica do bacillo da lepra, que tambem se cora facilmente nos solutos aquosos e não alcalinos; mas entre a lepra e a tuberculosa ha differenças clinicas taes, que a confusão é impossivel.

O processo de Ehrlich foi descripto e executado por Debove, na presença dos ouvintes, começando o professor pela recommendação de que os solutos a empregar devem ser recentes e não terem mais de dois a tres dias de feitos e que todas as prescripções devem ser seguidas á risca.

N'um tubo de vidro, deitam-se alguns centímetros cubicos de agua distillada e uma certa quantidade de um soluto saturado de anilina; agita-se bem, e obtem-se mistura, um pouco turva, contendo oleo de anilina em excesso; filtra-se por um filtro fino, previamente molhado, e recolhe-se um liquido transparente; addicionam-se algumas gôtas de um soluto saturado de fuchsina, (fuchsina, azul de methylene, vesuvina, etc.) em alcool absoluto, tira-se o excesso da materia corante, tornando a filtrar o liquido, que deve ficar limpido; é este liquido que se deita n'um vidro de relógio, que ha de servir para corar a preparação.—Escolhe-se depois a parte mais purulenta e mais opaca de um esputo, colloca-se n'uma lamina de vidro bem transparente e ahi se desagrega até obter uma camada bem delgada, que se deixa seccar por alguns instantes, de modo que haja uma certa adherencia entre o vidro e o esputo; se a camada ainda fôr muito espessa e muito opaca, para poder ser examinada, esmaga-se com uma outra lamina, que se applica sôbre a primeira; toma-se então uma das laminas, com uma pinça, e passa-se pela chamma de uma lampada de alcool, tendo o cuidado de não elevar o aquecimento além de 80°; a albumina coagula-se e a adherencia torna-se assim bastante intima para impedir a separação da camada do esputo pelos diferentes liquidos, que têm de atravessar diversas vezes. Assim disposta, a preparação é mergulhada no soluto de anilina, com a camada para baixo, e ahi se deixa permanecer vinte e quatro horas; no fim d'este tempo, todos os elementos cellulares, todos os micro-organismos estarão corados de vermelho; tira-se então, lava-se para a separar do excesso da materia corante, e mette-se em acido nitrico (1:3); immediatamente se descora, e a lamina de vidro é envolvida de vapôres de cor amarella-alaranjada; promove-se a agitação do liquido, para estabelecer o contacto da peça com as novas camadas do acido, afim de se conseguir um descoramento perfeito e evitar todas as causas d'erro. Depois, torna-se a fazer uma lavagem para supprimir o excesso do acido nitrico, demo-

rando a preparação na agua, se ella é destinada a ser conservada; e então percebe-se uma ligeira côr rubra, devida aos bacillos da tuberculosa, que se conservam vermelhos, enquanto que todos os outros elementos da preparação fôram completamente descorados pelo acido nitrico.

Esta reacção chimica tem uma importancia soberana e, sendo, muitas vezes, difficil de reconhecer um ou dois bacillos n'um fundo descorado e não se podendo apreciar a sua topographia, as suas relações com os outros elementos, estando estes tambem descorados, procurou-se obviar a taes inconvenientes, fazendo sobresair os bacillos n'um meio tambem corado; para isso, mergulha-se de novo a preparação n'um soluto aquoso basico de uma côr de anilina, de azul de methylene, por exemplo, só por alguns instantes, para que a muita côr não difficulte, por sua vez, distinguir os bacillos; repete-se uma lavagem com agua e obtêm-se assim corados de azul todos os nucleos das cellulas e todos os microbios differentes dos da tuberculosa, enquanto que estes, os bacillos de Koch, se conservam rubros e se destacam muito nitidamente do restante da preparação.

Se a preparação estiver um pouco escura, aclara-se pelo meio da essencia de cravo e, para a guardar, cobre-se com balsamo ou terebinthina do Canadá.

F. DE CARVALHO.

Peixes venenosos

Os srs. Gressin e Bottard, naturalistas distinctos, acabam de fazer uma interessante descoberta scientifica.

Sabe-se quanto é dolorosa a picada das espinhas operculares e dos raios espinhosos dos peixes denominados *Vive* (*Trachinus draco*, Lin.) e *Arselin* (*Trachinus vipera*, Cuv.).

Todos os auctores, depois de Aristoto até Cuvier, têm attribuido a dôr causada pela picada d'estes peixes e os accidentes consecutivos que sôbrevêem, ás vezes, á fôrça de penetração da espinha e não á existencia de veneno.

Todavia, os srs. Gressin e Bottard, insistem na sua descoberta e bem assim da glandula que o segrega.

Na base e em cada lado das espinhas operculares encontram-se aquellas glandulas, que contêm o veneno, que é conduzido pelas ditas espinhas; tornando-se o mesmo mecanismo que das viboras, sômente, em lugar de penetrar na ferida pelo canal central, como a bôcca das serpentes, o veneno segue por dois canaes collocados symetricamente de cada lado da espinha.

Tratamento da dôr de dentes

O dr. Kennedy propôz o methodo seguinte: fundir duas partes de cera branca ou de espermacete, ajuntar uma parte de acido phenico crystallizado e outra parte de hydrato de chloral, agitar até completa solução. Enquanto a massa estiver liquida, mergulha-se-lhe pedaços de algodão phenicado e fazem-se seccar; e, quando se quizer fazer uso, emprega-se pequena porção d'este algodão preparado em forma de rôlha, aqueça-se brandamente e introduza-se na cavidade do dente, aonde se solidificará.

Contraveneno do iodoformio

O sr. Bechring applica, contra o envenenamento pelo iodoformio, o soluto aquoso de bicarbonato de potassa, de 5 a 10 por 100.

Douradura do aço

O aço polido pode ser dourado pelo soluto ethereo de chloreto de ouro. Solvido o chloreto de ouro, ainda pouco acido, que fôr possível, na agua distillada, ajunta-se, ao soluto, tres vezes o seu volume de ether, agita-se e deixa-se depositar pelo espaço de 24 horas. Os objectos com

ação polido, mergulhados n'este soluto, recobrem-se de uma camada de ouro.

Conservação das collas de gelatina

Ajunta-se a os solutos de gelatina 8 a 10 por 100 de chloreto de calcio ou de magnésio, que os torna impudrescíveis, sem que as suas propriedades flexiveis e adhesivas tenham diminuido.

Uma colla, contendo 30 partes de chloreto para 100 partes de gelatina sêcca, conserva-se quasi indefinidamente.

Café com agua distillada

Fazendo-se café com agua distillada, obtem-se um producto muito mais agradável que quando preparado com agua commum; de uma finura e delicadeza de gôsto e arôma incontestavelmente superiores; as suas qualidades gostativas muito desinvolvidas, completas e perfeitas; porque os carbonatos terrosos, que contêm todas as aguas potaveis, decompõem uma parte do tannino do café, formando producto insolúvel e sem sabôr, em quanto que a agua distillada deixa o tannino intacto e conserva a o café toda a sua sensação agradável e as propriedades tonicis, cuja acção é tão notavel sôbre o estomago.

J. D. CORRÊA.

Erratas mais notaveis existentes em o n.º 9 d'este tomo

PAG. LIN.	ERROS	EMENDAS
161 32	lei de saude de 3 de dezembro de 1868, art. 78.º e 80.º, e a lei de 13 de julho de 1882, art. 1.º	lei de saude de 3 de dezembro de 1868, art. 78.º, e da lei de 13 de julho de 1882, art. 3.º
177 27	a observação a a experiencia dos factos.	a experiencia e a observação dos factos.
179 27	nivelar.	elevar convenientemente.
180 36	da sapiencia.	de sapiencia.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 29 DE ABRIL DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia seguiu o seu destino.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura d'um officio do nosso consocio do Lumiar, no qual participava á sociedade que uma pharmacia em Odivellas se achava ao abandono e sem pessoa competente com a habilitação legal para a administrar.

Fallaram sôbre o assumpto os srs. Corrêa, Mella, Pessoa, pedindo este para que a sociedade não resolvesse sem haver pleno conhecimento do facto, por isso que lhe constava que a pharmacia tinha pessoa habilitada que lhe dava o nome, mas que se achava um pouco distante d'aquella localidade.

Antes da ordem da noite explicou franca e desinvolvidamente o ex.^{mo} sr. presidente, demonstrando á sociedade quanto era conveniente e importante a nomeação d'um deputado que nos representasse no parlamento, e que tratasse unicamente dos interesses da classe, pondo-se ao abrigo de tudo quanto fôsse politica partidaria, para só advogar as questões concernentes aos direitos pharmaceuticos; que felizmente tinhamos na camara dos srs. deputados homens pertencentes á classe que, por diferentes vezes, nos prestavam relevantes serviços, mas que a missão d'aquelles cavalheiros não era exclusiva aos interesses da classe.

O sr. *Carvalho* discordou um pouco dos fins, com referencia á reunião, e desinvolveu os seus argumentos conforme as impressões que se lhe suscitaram no espirito, de-

pois d'effeituada a mesma reunião e á qual tinha assistido.

O sr. *Fragoso* combate energicamente as conclusões do sr. *Carvalho*, tomando os debates cada vez maior intensidade desde que fallaram estes dois oradores.

O sr. *Coelho de Jesus* disse que a reunião não tinha a responsabilidade que o sr. *Carvalho* lhe attribuia.

O sr. *Carvalho* respondeu ao sr. *Emilio Fragoso*.

O sr. *Drack* explicou as razões que nos levaram a reunir e tambem as vantagens que resultavam para a classe se, no parlamento, se fizesse representar por individuo que unicamente advogasse a sua causa.

O sr. *Fragoso* referiu-se ao sr. *Drack* e insistiu nas suas idéas contradictando o sr. *Carvalho*.

O sr. *Machado* lembrando a maneira como estava redigida a circular, convidando para a reunião, disse que podia francamente concluir-se que o motor da reunião era o desejo de todos concorrerem para o bem estar da sociedade e da classe.

O sr. *presidente* declarou formalmente que se a reunião tivesse outro fim que não fôsse o de manter a ordem na classe e assegurar garantias, para cuja estabilidade devemos contribuir denodadamente, não teria comparecido á reunião, nem voltaria a occupar os cargos com que a sociedade se tem dignado honral-o; que a sua politica tem sido a dedicação constante á sociedade e á classe pharmaceutica, constituindo este modo de proceder um verdadeiro sacerdocio; não é nem foi nunca affeioado á politica partidaria.

O sr. *Carvalho*, usando ainda da palavra, disse que a sua argumentação não tinha por fim melindrar as convicções de ninguem, nem dar aos debates outro caminho que não fôsse o verdadeiro; que modificava as suas idéas se ellas, de qualquer maneira, desviavam a discussão da orbita serena e regular.

O sr. *Corréa* declarou que não tinha estado na reunião passada e por isso se não julgava competente para apreciar os seus fins.

Fallaram ainda sôbre o assumpto os srs. Fragoso, Ascensão, Cunha, Pratas, Corrêa, tomando os debates um character energico e em sentido oppôsto á theoria do sr. Carvalho.

O sr. *presidente* levantou-se e disse que tendo dado todas as explicações necessarias para justificar os seus actos na reunião passada e sendo essa a expressão dos seus sentimentos, não podia continuar a occupar aquelle logar sem que a sociedade se conformasse plenamente com o seu procedimento. S. ex^a retirou-se de sala das sessões e assumiu a presidencia o sr. Drack.

O sr. *Alfredo Machado* mandou para a meza a seguinte moção d'ordem: — «A sociedade satisfeita com a declaração da meza e continuando a manter plena confiança no zelo dos membros que a compõem, passa á ordem da noite.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade pharmaceutica Lusitana 29 de Abril de 1884. — O socio honorario, *Alfredo da Silva Machado*.

O sr. *Drack*, poz á votação a moção d'ordem do sr. Machado e foi approvada por unanimidade.

Terminado este incidente fôram diferentes socios convidar o sr. Commendador José Tedeschi a occupar de novo a presidencia.

Sôbre a materia em discussão, fallaram ainda, para explicações os srs. Drak, Mella, Emilio Fragoso e outros socios.

O sr. *Carvalho* não desejando de forma alguma que as suas ponderações fôsem tidas como subversivas, mas só resultante da maneira diversa de vêr as questões, pediu para assignar a moção do sr. Machado (o que lhe foi concedido) e para que fique bem consignado na acta o seu procedimento.

Os srs. *Mella, Machado e Drack* apresentaram propôstas para socios, sendo a do sr. Drack apresentada pela primeira vez na sessão passada.

Sendo 11 horas o sr. presidente encerrou a sessão. — O 2.^o vice-secretario — *Antonio Augusto d'Ascensão*.

SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1884

Presidencia do sr. Guimarães Drack, primeiro vice-presidente

Foi aberta a sessão ás oito horas e meia da noite.

Foi lida a acta da sessão passada. Sôbre a acta, pediram alguns socios a palavra e fallaram da maneira porque estava redigida; a qual depois de algumas discussões foi approvada salva a redacção.

O sr. *primeiro secretario* leu a correspondencia a qual teve o devido destino.

Foi approvedo para socio correspondente o sr. Joaquim Alves Christovão, pharmaceutico estabelecido em Alcoentre.

O sr. *Fragoso* propoz para socio effectivo o sr. Francisco João Rosa. — O sr. Coelho de Jesus pediu a urgencia da proposta, a qual foi approvada.

O sr. *Silva Machado*, usando da palavra, fez sciente á sociedade da nomeação para cargos importantes, os socios Mattos, Fragoso, Rosa e Sisenando Marques; sendo os tres primeiros para analyistas do laboratorio da camara municipal de Lisboa, e o quarto para uma commissão no ultramar; e felicitou não só os collegas nomeados, pela honra que lhes foi dispensada, mas tambem a sociedade por vêr escolhidos entre seus membros, individuos para exercerem missões tão elevadas.

O sr. *presidente* disse que, effectivamente a sociedade tinha a regosijar-se com o facto annunciado pelo sr. Machado; por quanto o considerava de maximo valor.

O sr. *Fragoso* agradeceu em seu nome e dos seus collegas, as palavras que se acabavam de proferir em seu favor.

O sr. *Machado*, disse que, apesar de se ter feito, sem resultado benefico, varias representações pedindo a reforma d'ensino pharmaceutico, que julgava util continuar até se obter o fim desejado.

O sr. *presidente* declarou que estava para se effectuar em Runa, uma arrematação de medicamentos, para um dos cor-

pos do exercito, que fôra ao ministerio da guerra para falar ao sr. Ministro e entregar-lhe uma representação contra a referida arrematação. Sendo recebido por um official superior d'aquelle ministerio e dizendo-lhe o fim para que ali ia, elle me respondera, que se não podia prohibir porque estão auctorisadas por uma lei, que diz respeito á fazenda militar. Advertindo-lhe o sr. presidente o facto dado o anno passado em Santarem, fundado n'umas correspondencias, publicadas no *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa*, nas quaes um collega d'ali, dizia ter prestado á classe um grande serviço, fazendo com que se não effeituasse uma das referidas arrematações; o dito official lhe dissera não ser exacta a referida communicação; se não foi levada a effeito pela primeira vez que foi á praça o referido fornecimento, não fôra pela opposição de pharmaceutico algum, mas sim, porque os proponentes não desceram á quantia pela qual o conselho desejava effeituvar a arrematação.

As dez horas foi fechada a sessão.—O socio effectivo, servindo de segundo secretario, — *Antonio Simões Terceiro*.

CHIMICA

Doseamento volumetrico do antimonio em presença do estanho

Pelo sr. Herroun

Este methodo assenta sôbre o facto de que o chloreto antimonico é reduzido pelo acido iodhydrico a o estado de chloreto antimonioso, pondo em liberdade o iodo, em quanto que o chloreto d'estanho não se reduz nas mesmas condições.

A liga, subtilmente dividida, é atacada pelo acido chlorhydrico concentrado; ajunta-se frequentemente, durante a dissolução, pequenas quantidades de chlorato de potassa; quando a totalidade do metal esteja dissolvida, adiciona-se

lhe pequeno fragmento de chlorato para assegurar a transformação total dos metaes em perchloretos; faz-se ferver brandamente o soluto para expellir os productos chlorados; deixa-se resfriar e ajunta-se ligeiro excesso de soluto concentrado de iodeto de potassio. O iodo, pôsto em liberdade, é dosado por meio de soluto diluido de hyposulfito; a quantidade de iodo obtida, multiplicada por 0,48031, dá a quantidade de antimonio.

Se existir na liga, ferro ou outro metal em que possa pôr o iodo em liberdade, é necessario então separar o estanho e o antimonio empregando-se o acido azotico.

Emprego do tannino na analyse das aguas

Os srs. Bouchardat, Fanré e especialmente Kämmerer, têm recommendado o emprego de tannino para verificar a presença de certas materias organicas nas aguas. Segundo a opinião d'este ultimo chimico, toda a agua que se turvar pela addição de tannino deve ser considerada como perigosa para a saúde.

Havendo eu tido occasião de analysar uma agua de poço notei que empregando o que fôra indicado pelo sr. Kämmerer, quero dizer, ajuntando 3 c.c. de soluto tannico a 300 c.c. de agua em um vaso tapado, o liquido turvou-se immediatamente; todavia o residuo, deixado pela evaporação d'esta agua, continha fraca proporção de materias organicas e a quantidade d'estas não estava em relação com o volume do precipitado obtido pelo tannino.

A agua analysada possuia fraca reacção alcalina e, por este motivo, procurei conhecer a causa d'este phenomeno. Para este effeito introduzi n'uma proveta 300 c.c. de agua distillada e addicionei algumas gôtas de soluto de chloreto calcico; este liquido, que ficara perfeitamente limpido depois de lhe ter misturado 3 c.c. de soluto de tannino, turvou-se fortemente pela addição de pequenissima porção de ammonia; a potassa e a soda causticas e, em menor grau, os carbonatos alcalinos procederam do mesmo modo que a

ammonia em presença da mistura do tannino e de um sal calcico em soluto diluido. Os precipitados obtidos d'esta experiencia dissolviam-se facilmente no excesso de reactivo e nos acidos diluidos, mesmo no *acido carbonico*.

É por esta razão que o sr. Schmidt recommenda ajuntar-se grande excesso de reactivo á agua, na qual se pesquisa a presença de materias organicas azotadas, precipitaveis pelo tannino. Convém, pois, mencionar que a agua continha pequena quantidade de ammonia, para que o seu resultado não possa ser descoberto, nem pelo chloreto mercurico nem pelo papel vermelho de tornasol, que produz precipitado pelo tannino, quando se lhe encontre saes calcicos.

Recordaremos, n'este logar que, na sua memoria, o sr. Kämmerer relatava que alguns dos precipitados, por elle obtidos per meio do tannino, dissolviam-se facilmente no acido sulfurico diluido, character que não apresenta a combinação insolavel da gelatina e do tannino.

Pode-se tirar partido da sensibilidade da reacção da mistura de tannino e de saes calcicos sobre os solutos fracamente alcalinos, para certificar a presença de alcalis livres ou carbonatados e especialmente da ammonia, em certos liquidos que, naturalmente, devem ser isentos de principios susceptiveis de dar precipitados, ou seja com o tannino, ou seja com os saes calcicos em soluto diluido. Por este motivo, convém empregar-se o reactivo composto de volumes eguaes de soluto alcoolico de tannino 4 : 10 e de soluto aquoso de chloreto calcico 4 : 10.

Uma gôta d'este liquido, misturado á agua distillada contendo mui pouca ammonia, para não modificar sensivelmente o papel de tornasol avermelhado, produz-lhe turvação branca.

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 194)

CARYOPHYLLINAE

Portulacaceae. Juss.

Portulaca oleracea. L. ¹

Beldroega.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como antiscorbuticas, febrifugas, litiontripticas e diureticas; as sementes como vermifugas. Pouco usada ².

Caryophylleae. Juss.

Spergularia rubra. Pers. ³(Arenaria rubra α . campestris. L.; Lepigonum rubrum. Wahlbg.; Spergula rubra. Godr.)

Arenaria vermelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Lisboa, Cintra, Portalegre, Porto e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

¹ Variedade β . sativa. D.C. (P. sativa. Haw.)² Faz-se um unguento, em que entram as folhas da Beldroega, que dizem ser muito efficaz nos padecimentos hemorrhoidaes. A salada das folhas d'esta planta é muito util na prisão de ventre.³ Variedades: α . campestris. Fzl; β . alpina. Wk.; γ . longipes. Lge.; δ . pinquis. Fzl.

P. u. a planta florida.

Emp. contra as areias e calculos urinaes.

Stellaria media, Vill.¹

(*Alsine media*, L.)

Morugem vulgar ou branca. Orelha de rato dos herve-
larios.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Braga, Porto,
Lisboa, Serpa e em quasi todo o paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. a planta florida.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

Dianthus caryophyllus, L.

(*D. longicaulis*, Csta.)

Cravo.

Hab. em alguns paizes da Europa e entre nós cultiva-se
muito nos jardins um grande numero de variedades.

Flor. na primavera e principios do verão.

P. u. as petalas.

Emp. como bechico e tonico. Constitue a base do xaro-
pe de Claveles. Pouco usado².

Saponaria officinales, L.

Saboeira legitima.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenos proximos
ao Mondego, Serra da Estrella, Villa Velha do Bodão,
Porto, Lamego e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz e as folhas.

Emp. como tonica e diaphoretica³.

Silene inflata, Sm.⁴

(*Cucubalus Behen*, L., *Silene Cucubalus*, Wib.)

¹ Variedade β . major. Koch.

² Deverão empregar-se, sempre que se possa, as petalas dos cravos ver-
melhos de preferencia ao de outras côres.

³ As folhas da *Saponaria communica* á agua a propriedade de espumar,
como a agua de sabão, e é por isso que se chama vulgarmente saboeira. Deve
esta propriedade a uma substancia que contém chamada *saponina* ou *struthina*.

⁴ Variedades: α . genuina; β . ciliata. Lge.; γ . glareosa (Jord.)

Herva traqueira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Porto, Geréz, Setubal, Portalegre e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. como analeptica. Pouco usada.

Agrostemma githago. L.

(Githago segetum. Desf., Lychnis Githago. Lam.)

Nigella bastarda.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Porto, Adorigo, Montargil e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como antipsorica (Fuchsius) e util para curar hemorrhagias, ulceras e fistulas (Simon Pauli). Pouco usada.

Phytolaccaceae. R. Br.

Phytolacca decandra. L.

Tintureira vulgar, Herva dos cachos da India.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenos juntos ao Mondego, Marinha Grande, e em muitos outros pontos das nossas provincias do Douro, Estremadura, e Beira ¹.

Flor. de maio a agosto.

P. u. as folhas, o succo das mesmas, as bagas (fructos) e a raiz.

Emp. O succo das folhas é purgativo na dose de 15 grammas (meia onça). As bagas e a raiz são também purgativas. As folhas applicadas sobre a pelle causam irritação; usam-se em cataplasmas contra as feridas de mau caracter (Chernoviz).

COLUMNIFERAE

Malvaceae. Juss.

Lavatera cretica. ²

¹ Esta planta é originaria da Virginia, India occidental, China, etc., e só foi conhecida na Europa depois da descoberta da America. Hoje não só cresce espontanea em Portugal como em muitos outros paizes da Europa.

² Variedade β. stenophylla.

(*L. silvestris*. Bröt.; *L. Neapolitana*. Ten.; *Malva pseudo-lavatera*. Wbb.; *M. hederifolia*. Viv.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Porto, Berlengas, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz, folhas e flores.

Emp. como emolliente.

Lavatera arborea. L.

(*Anthemum arborea*. Presl.)

Hab. nas margens do Douro e do Tamega, Berlengas e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

Tudo que diz respeito á especie antecedente.

Althea officinalis. L.

Althea, Malvaisco.

Hab. em alguns terrenos proximos do Tejo e do Mondego, Adorigo, nas visinhanças de Obidos e em outros pontos da Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente.

Malva silvestris. L.¹

(*M. vulgaris* Ten. non Trag.; *M. hirsuta* Viv. nec Ten.)

Malva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de abril a julho.

P. u. a raiz, folhas e flor.

Emp. como emolliente.

Malva rotundifolia. L.

Malva.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a raiz, folhas e flores.

¹ Variedade β . Mauritanica. Bss. (*M. Mauritanica*. L.)

Emp. o mesmo que o da especie antecedente ¹.

Tiliaceae. Juss.

Tilia platyphylla. Scop.
(*T. grandiflora*. Ehrh.; *T. pauciflora*. Hayne; ; *T. mollis*.
Spach.; *T. Europaea*. L.)

Tilia.

Arvore originaria do norte da Europa e cultivada entre
nós nas provincias septentrionaes.

Flor. em junho.

P. u. as bracteeas floriferas ².

Emp. como antispasmodicas e diaphoreticas.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

ZOOLOGIA

**Nota sobre a séde do principio activo
entre os vesicantes**

O sr. H. Beauregard, naturalista, descreveu o seguinte:

Especies epispasticas. — As pesquisas empreendidas em
diversas epochas por Bretonneau (1828), Farines (1829),
Leclerc (1835), Courbon (1855), Ferrer (1859), e mais re-
centemente pelo sr. Beguin 1874, têm mostrado que, sós,
os insectos da tribo dos vesicantes (Mulsant) possuem o prin-
cipio crystallisavel, a cantharidina, que têm a propriedade
epispastica, caracterisada pelo effeito que produz sobre a
epiderma.

Tem-se procurado preencher as lacunas por uma serie
de experiencias, como se segue:

Para se reconhecer a força epispastica de um insecto, é
seccal-o e reduzir a pó; depois humedecer este ligeiramente

¹ Póde substituir-se-lhe as outras especies indigenas do genero *Malva* que habitam no nosso paiz (*Pharmacopœa Portugueza*, 1876).

As outras especies que habitam em Portugal são *Malva Alacea*. L.; *M. hispanica*. L. e a *M. moschata*. L. α . laciniata. Gr. Godr.

² Vulgarmente chamadas flores.

e collocar uma certa quantidade sôbre o antebraço e cobri-lo com um pedaço de tafetá, por espaço de oito a doze horas,

Apresentando-se empôla, o insecto é immediatamente reconhecido por vesicante; não apresentando nenhum phenomeno, procede-se a tratar o pó obtido por uma pequena quantidade de ether acetico (processo de Galippe), á temperatura de 30°. Depois de doze horas de maceração, decanta-se o liquido e o residuo, espremido do liquido, será todo este filtrado e submettido a evaporação espontanea; em seguida obtem-se oleo escuro e crystaes de cantharidina, se esta existe. Este oleo, misturado dos crystaes e empregado no antebraço, produz rapidamente a formação de uma empôla.

Por uma serie de ensaios, d'este modo tenho reconhecido a propriedade epispastica dos generos: *Meloe*, *Cerocomma*, *Mylabris*, *Corina*, *OEnas*, *Lydus*, *Alosymus*, *Caballa*, *Lagorina*, *Cantharis*, *Litta* e *Sitaris*, experimentando ou seja sôbre especies já conhecidas como vesicantes ou sôbre as ainda não estudadas.

Tenho igualmente verificado o poder epispastico do genero *Henous* (*H. confertus*), que não tinha ainda sido experimentada.

Para o genero *Zonitis*, Leclerc havia estabelecido os insectos não vesicantes, e Beguin, pelo contrario, tem observado a força das especies (*Z. præusta*, *Z. fulvipennis*, *Z. mutica* e *Z. bilineata*), apresentando empôlas em oito horas de applicação.

O genero *Nemognatha*, proximo dos precedentes e que seria inactivo depois de Leclerc, é hoje considerado muito vesicante e, bem assim os *N. chrysomelina* e *N. lutea*.

Finalmente, pode-se dizer que todos os insectos da tribo dos vesicantes são epispasticos; todavia reservando-se ainda os generos *Horia* e *Tricania*, com os quaes não se tem podido obter empôla bem definida.

Localização do principio activo. — Falta-me resolver a questão incompletamente elucidada da séde exacta da cantharidina no corpo d'estes insectos; tenho tomado para as-

sumpto dependente a cantharida ordinaria (*Cantharis vesicatoria*), tão empregada na Europa e que, devido á benevolencia do meu sabio amigo sr. Nicolas, d'Avignon, tenho podido ter em grande quantidade.

As pesquisas, sôbre este ponto especial, têm sido effectuadas pelos methodos chimicos de Berthoud, Ferrer, Fumouze e Lissonde; os resultados obtidos podem-se resumir pela proposição seguinte: «as partes molles são muito mais activas do que as duras (elytros, patas, cabeça).» Todavia, Courbon, experimentando physiologicamente sôbre a *Epicauta adspersa* (Montevideo), obteve toda a acção epispastica das partes duras, e Leydi sôbre a *E. vittata*, foi mais longe ainda, asseverando que, n'esta especie, o principio vesicante residia no sangue e n'outra materia gôrda, propria em certas glandulas accessorias do aparelho da geração e nos ovos.

Os meus ensaios sôbre a cantharida, depois dos methodos acima indicados, têm-me mostrado que, entre esta especie (*C. vesicatoria*), o sangue é vesicante em alto grau; as partes duras, desinvolvidas do sangue, são absolutamente inactivas; em quanto ás partes molles, são: os musculos, corpo adiposo, aparelho digestivo e os tubos de Malpighi destituídos do poder epispastico, residindo este unicamente no aparelho genital.

No macho, os testiculos e os canaes deferentes são inactivos e, sôbre tudo, a par das vesiculas seminaes em tubos cylindricos muito allongados e desenfando no comprimento do corpo, que me tem apresentado o poder vesicante energico. A applicação no antebraço, com pequena parte d'estas vesiculas, determina a formação de volumosa empôla, com tumefacção dolorosa na peripheria; algumas vezes tenho obtido empôlas com a parte dos canaes deferentes, a mais visinha d'estes tubos.

Na femea, todas as partes do aparelho genital: vesicula copulativa e ovaria com ovos são epispasticos; e, finalmente, os ovos, depois da postura, possuem a força vesicante muito energica.

Tenho podido certificar que a primeira que sae do ovo é igualmente activa. Vinte e cinco larvas, reduzidas a pôlpa e collocadas sôbre o antebraço, têm-me dado pequenas empôlas attestando o seu poder vesicante.

Ultimamente, as mais novas cantharidas perfeitas, medindo 8 a 10 millímetros de comprimento, que não tinham sido emparelhadas, são igualmente indicadas vesicantes. Estes diversos resultados infirmam as conclusões de Neutwich, que pretendia que o poder epispastico não se desinvolve senão depois da cohabitação e que os insectos mais recentes e de mediana estatura não produziam empôlas á superficie da pelle.

J. D. CORRÊA.

FORMULARIO

Emulsão de iodoformio para injeções vesicaes nos casos de cystita chronica (Nussbaum)

Iodoformio.....	1 gram.
Glycerina pura	5 »
Agua	100 »

F. s. a. Cada injeção deve ser precedida de lavagem da bexiga.

Gargarejo de menthol (Auzeigen Blatt)

Menthol	0,75 gram.
Acido carbonico.....	4,00 »
Extracto d'alcaçus	60,00 »
Agua distillada.....	300,00 »

F. s. a. Contra o catarrho, diphtheria, escarlatina, etc.

Mistura contra a alopecia (Rundschau)

Acido lactico.....	0,50 a 1,00 gram.
Acido borico.....	2,00 a 2,50 »

Agua.....	220,00	gram.
Alcool.....	30,00 a 40,00	»

F. s. a. Para untar o couro cabelludo, durante tres ou quatro minutos.

Repete-se esta operação duas vezes por dia, com duas ou tres colheres d'esta mistura.

Misturas contra o rheumatismo muscular

1. ^a Sabão animal	6,00	gram.
Ether acetico	30,00	»
Camphora.....	4,00	»
Essencia de tomilho.....	0,40	»

F. s. a. Para fricções.

2. ^a Alcoolatura de raiz de aconito	3,00	gram.
Banha preparada	10,00	»
Chloroformio.....	5,00	»
Hydrochloreto de morphina.....	1,00	»

F. s. a. Para fricções.

Oleo antiseptico contra o eczéma

(Lassar)

Azeite doce..... 100 gram.

Acido phenico..... 1 a 2 »

M. s. a. Faça unções sôbre a pelle, no periodo agudo do eczéma.

Á medida que o oleo é absorvido, a pelle fica macia, as crôstas desfazem-se e o prurido diminue. Applica-se então uma tira de panno circular, feita de musselina molhada no oleo antiseptico, e cobre-se por cima com panno de linho. Se, após um certo tempo, o oleo phenicado não é mais supportado, substitue-se pelo azeite doce contendo 1 a 2 por cento de acido salicylico, ou então $\frac{1}{2}$ a 1 por cento de acido thymico. Este ultimo preparado é muito effcaz em todas as inflammações com bôlhas pemphygodas e tambem no pemphygo propriamente dito e na erysipela.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Os estudos do dr. Pasteur

Um mal terrível, ascoroso, indelevel, que pesava sobre a victima como um estigma, flagellava as populações dos seculos passados.

Quando aquelle ramo de peste invadia as aldeias felizes, pelos labôres honestos e os burgos ridentes pelas laurejadas messes, sobre a povoação, pesava um desanimo de resignação, e as frentes curvavam-se transidas de pavôr, acceitando, victimas imbelles, o destino austero como uma condemnação terrível e inexoravel.

E as mães conchegavam ao peito os filhos do seu amor, rosados e felizes; tremulas de susto, pelo receio que o contagio lhe arrebatasse o penhor dos seus affectos, ou o ferrete indelevel lhe estampasse na tez as picadas caracteristicas da terrível doença, desfigurando-o, maculando-lhe as feições correctas ou extinguindo-lhe a luz dos olhos.

Eram as bexigas, este mal sem remedio, que irrevogavelmente havia de acommetter toda a humanidade, como uma praga terrível, que o averno vomitasse sobre a humanidade.

Mas um dia a aurora surgiu feliz e risonha. Afagando os pequeninos, um anjo na pessoa de Jenner, remiu a humanidade do jugo das bexigas, que se tornaram um chimera, uma futilidade ante o antidoto do novo Christo, Jenner, que, como elle rasgava as mortalhas, resuscitando os mortos prestes a cair na fossa tumular.

E *urbi et orbi* se patenteava o talisman— a vaccina.

Pois bem, uma ontra doença horrorosa, incuravel, fatalmente mortal subjuga a victima, expondo-a em espectaculo desolador, horripilante, com as convulsões horrendas que fazem medo, que aterram o espectador. Nos doces ocios da vida, nas avenidas ou nos passeios, quando procuramos aspirar as plenas laustas, as auras frescas do pôr do sol, o

mal nos pode ser inoculado, o soffrimento atroz, a morte irrevogavel.

É a hydrophobia.

Pois na epoca presente um homem, de quem o nome é já uma gloria para a França; distinctamente laureado pelos estudos sôbre a geração espontanea, sôbre as fermentações, sôbre o germen das doenças contagiosas, sôbre o virus vaccinico contra o cholera etc.; o chimico Pasteur, em maio ultimo apresentou á academia franceza um relatorio sôbre os seus estudos, sôbre a hydrophobia que elle pretende aniquilar, inoculando no individuo um virus rabico refractario áquella terrivel doença.

Diz elle, no seu relatorio: «Realmente, as primeiras experiências são bastante favoraveis; mas é preciso multiplicar as provas em varias especies d'animaes, antes que se tenha a coragem de tentar no homem esta prophylaxia;

«Facilmente se deve comprehender que, não obstante a confiança que me incutem as experiencias, que executo ha quatro annos, não é sem algum receio, que publico presentemente factos que só se dirigem a uma prophylaxia possível da hydrophobia

«Por obediencia a certos escrúpulos tomei a liberdade de escrever a M. Fallieres, ministro da instrucção publica, solicitando-lhe a graça de nomear uma commissão, á qual eu submetta os meus cães refractarios á hydrophobia.

«A experiencia consistirá em sujeitar vinte dos meus cães refractarios á hydrophobia, á influencia do virus rabico, juntamente com vinte cães não vaccinados. Sendo verdadeiros os factos que aponto, os vinte cães julgados por mim refractarios hão de sair incolumes d'esta prova, emquanto que os outros serão atacados de hydrophobia. «Uma outra experiencia não menos decisiva será feita com quarenta cães, sendo vinte vaccinados na presença da commissão, e vinte não vaccinados.

«Em seguida serão todos inoculados com o virus de um cão damnado.

«Os vinte cães vacinados resistirão, os outros vinte morrerão todos damnados.»

O virus preservativo é obtido pelo sr. Pasteur inoculando successivamente o virus rabico em varios animaes: taes como cães, coelhos, macacos; até invalidar a acção do virus tornando-o de effeito passageiro.

O systema de inoculação executa-se por meio de seringas apropriadas, taes como se usam nas injecções hypodermicas.

Quem sabe se um dia a humanidade se preservará de numerosas doenças pela vaccinação apropriada?

F. P. ALBANO GONÇALVES.

Etherodina, liquor d'ether

O sr. Dannecy diz ser muito fraca a proporção do ether que contém o xarope do Codex; e, longe de satisfazer á exigencia da therapeutica actual, que aconselha empregar-se este medicamento em doses mais elevadas com grande exito.

Os doentes queixam-se frequentemente da impressão, sempre desagradavel, que produz o ether, quando elle se espargue sôbre a mucosa do estomago, no momento da ruptura da perola que o contém, impressão assaz incommoda e que, algumas vezes, é necessario suspender o emprego.

Sôbre a opinião de numerosos praxistas e frequentemente confiado nas queixas dos doentes, formulou este auctor o seguinte preparado, que denomina *etherodina*:

Alcoolato ligeiramente aromatico (hortelã-pimenta, aniz, framboezas, etc.) a 80° 400

Xarope commum preparado por simples solução a frio 500

Êther sulfurico puro q.b.

Os tres liquidos são introduzidos successivamente em um frasco para xarope d'ether, depois é agitado com attenção.

Depois de algumas horas de repouso a operação está terminada; o liquor, perfeitamente limpido, é dividido para frascos de vidro escuro, bem rolhados e conserva-se para uso.

Esta mistura constitue um liquor muito agradável e rico de ether, cujo emprego tem-se generalizado cada vez mais.

Lapis-sinapismos

Depois do lapis de menthol, uma casa de Berlim procura divulgar os lapis-sinapismos, destinados a substituir os papeis de Rigollot e a essencia de mostarda.

É bastante esfregar com o lapis, ao direito da pelle que se pretende provocar a acção revulsiva local; por exemplo: atraz da orelha, na odontalgia; a testa, nos casos de enxaqueca; na syncope, sôbre as differentes partes do corpo affectadas de dôres rheumatismaes; etc.

Recommendam-se estes lapis, pela circumstancia de serem commodas ás pessoas que viajam.

Incompatibilidades medicamentosas

O sr. Rabuteau tem chamado attenção sôbre certas incompatibilidades medicamentosas, particularmente o iodeto de potasio e o sulfato de quinina. Administrando-se ao mesmo tempo estes dois medicamentos, os doentes apresentam anxiedade, anorexia, perturbações nervosas e fastio geral; similhantemente quando se administra o iodeto imparo que contém iodato de potassa.

A mistura de um iodeto e de um iodato, não pode conservar-se em presença dos acidos do estomago; o mesmo acontece quando o iodeto de potassio e o sulfato de quinina se encontram misturados no mesmo estomago, porque o iodo é pôsto em liberdade e produz perturbações.

Ao sr. Rabuteau aconteceu-lhe que, tendo administrado sulfato de quinina a uma mulher, durante a epoca menstrual, apresentou accidentes muito graves e mesmo mortaes.



Centro de Aperfeiçoamento Farmacêutico
da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA

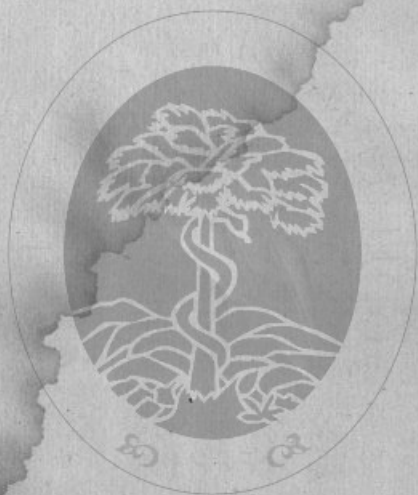
n. em 22 de setembro de 1808

FUNDADOR E PRESIDENTE HONORÁRIO
DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Administrador e reformador da botica do hospital de S. José; Vogal do antigo conselho de saúde pública do reino.
Cavalleiro das ordens da Conceição de Villa Viçosa e da Torre e Espada
etc., etc., etc.

m. em 3 de dezembro de 1884



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
de Orléans

Casa onde falleceu o Fundador e Presidente honorario
da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, José Dionysio Corrêa,
aos 5 de dezembro de 1884, na rua de S. José, 51.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA

As virtudes que ennobreciam o character d'este homem illustre, espelhavam-se-lhe na fronte serena e limpida, como as paizagens que bordam os lagos tranquillos, se reproduzem nitidas na transparencia das aguas.

A natureza, comprazendo-se em dotal-o de uma plastica distincta, onde se encerravam sentimentos elevados e faculdades pouco vulgares, não teve que arrepende-se da sua prodigalidade, porque elle soube dedicar o melhor de seus dias, ou antes, toda a sua vida, ao estudo d'essa mesma natureza, que tanto amou, e procurou conhecer em todas as suas manifestações.

Passando toda a mocidade em um meio proprio para desenvolver e aperfeiçoar os dotes apreciaveis com que a natureza o favoreceu, não só se illustrou, mas tambem adquiriu com o trato dos homens notaveis maneiras e affabilidade, que nem sempre são apanagio dos homens da sciencia, e que, quadrando perfeitamente á sua pessoa, o tornaram um cavalheiro distincto a todos os respeitos, e agradável no mais alto grau a quantos com elle trataram de perto. Mas a sua cortezia sem affectação não o privava de empregar o sal alico nas suas conversações, sempre amenas e instructivas; antes o fazia com tal arte e delicadeza, que mais captivava assim aquelles a quem se dirigia.

Ainda muito moço e já pharmaceutico, quando Mousinho d'Albuquerque abriu os seus cursos na Casa da Moeda, correu pressuroso a frequental-os e, admittido logo a ajudante do preparador, tambem pharmaceutico, passou em pouco tempo a preparador effectivo das lições do illustre professor.

A primeira sociedade de Lisboa, incluindo muitas damas, acudia ás lições de Mousinho, e a bella presença e trato amavel de Dionysio Corrêa, junto ao prestigio que a sua illus-

tração lhe grangeava já, proporcionaram-lhe por essa época ensejo de relacionar-se com muitos homens, que mais tarde vieram a representar um papel importante no paiz.

Foi então que elle fez conhecimento e privou muito com João Carlos Saldanha de Oliveira Daun, que mais tarde foi o celebre marechal e duque, o estadista notabilissimo, que occupou o logar mais proeminente na historia politica dos nossos ultimos cincoenta annos.

Pois o nobre duque foi-lhe muito afeiçoado durante toda a sua vida, e, achando-se nos conselhos da corôa, por mais de uma vez o attendeu tanto em assumptos de interesse professional, como de saude publica.

Versado em todos os ramos das sciencias accessorias da pharmacia, cultivou especialmente a chimica e a botanica, a chimica sobretudo, como sendo aquella que mais valiosos subsidios lhe podia prestar na pratica pharmaceutica, e, após cursar esta sciencia e a physica, na Casa da Moeda, transferiu logo para factos de immediata utilidade publica a prova dos seus variados conhecimentos; já dirigindo a fabrica de productos chimicos da Margueira, creada n'essa época, e que, debaixo das suas vistas, attingiu o seu maximo grau de prosperidade; já fazendo a hydrologia de uma parte do paiz, e entregando-se aos trabalhos da chimica toxicologica e da analyse de productos de toda a especie; já, mais tarde, transformando completamente, ampliando, e creando mesmo officinas na botica do hospital de S. José, que em 1834 passou a estar a seu cargo.

E note-se bem, que até aos tempos a que nos estamos referindo, e que não vão longe, a chimica, entre nós, era mais uma sciencia especulativa e de gabinete, do que aquella sciencia pratica, cujas applicações variadas tanto têm concorrido para o progresso da civilisação. Outra circumstancia, digna de notar-se, é que Dionysio Corrêa teve por companheiros em muitos dos seus trabalhos alguns pharmaceuticos, que como elle souberam illustrar o seu nome.

Portanto, fomos nós, os pharmaceuticos, dos primeiros, senão os unicos, em Portugal, que deram uma feição pra-

tica e verdadeiramente util á chimica, desbravando, arroteando e lançando á terra, assim preparada, a semente, que outras classes mais favorecidas têm aproveitado. Somos assim uns verdadeiros representantes do Portugal velho — para nós a gloria, e para os mais o proveito.

Pelo que diz respeito á iniciação, succedeu entre nós o mesmo que nos mais paizes: agora quanto ao resto, fazemos uma excepção singularissima, e tanto mais vergonhosa, quanto mais prosperas e fecundas em resultados practicos se nos offerecem á contemplação as escolas especiaes de França, as faculdades de Hespanha, os collegios de Inglaterra e da America, etc.

Dizemos isto, porque um dos mais ardentes desejos do collega, que hoje pranteámos, foi ver o paiz dotado com uma escola de pharmacia, que satisfizesse as necessidades impreteriveis da época, e as sensatas aspirações da classe. Dionysio Corrêa levava ao fanatismo o culto pela pharmacia.

Obreiro assiduo e infatigavel d'esta sociedade, cuja existencia se deve aos seus esforços e iniciativa, fel-a participante de uma parte dos seus trabalhos, collaborando em muitas e importantes commissões, eleitas no seio da sociedade, para a habilitarem a responder a varias consultas, que os governos successivamente lhe têm dirigido, e pelas quaes tem merecido mais de uma portaria de louvor.

N'estes ultimos annos, mais devastado pela doença do que pela idade, limitava o seu trabalho á redacção d'este jornal, e a acompanhar o movimento da sociedade, a cujas sessões assistia com toda a pontualidade. Mas a doença assoberbava-o cada vez mais, a ponto de o não deixar sair de casa, ultimamente, senão acompanhado: e em agosto do anno preterito, em plena sessão, e usando da palavra, foi accommettido, de uma syncope, que sobresaltou a quantos estavam presentes. Grande era já a sua prostração.

Alma grande e generosa, parece que nem conhecia a emulação, pelo lado que esta paixão pôde ter de menos nobre: as glorias e alegrias dos collegas eram igualmente

suas, porque elle via em cada pharmaceutico como que um membro da sua familia.

Tinha o merito pouco commum de exaltar os mais novos, procurando sempre que podia, pôr em relevo os rapazes, a quem animava constantemente, por todos os meios ao seu alcance. Não temos a fortuna de haver conhecido o professor Chevallier, a quem os alumnos da escola de Paris singularisavam, chamando-lhe o *maitre* Chevallier; mas, a avalial-o pelo que d'elle disse o sr. Ferrand, cremos que entre a vida d'estes dois pharmaceuticos houve muito ponto de contacto.

Nunca lhe ouvimos fallar das distincções honorificas com que os governos galardoaram os seus serviços, que foram muito superiores ás recompensas que obteve: nem d'ellas fazia ostentação. Citava apenas com satisfação intima a medalha que o municipio de Lisboa conferiu para recompensar os serviços prestados por occasião da epidemia em 1857, quando a febre amarella assolou a cidade, medalha que elle ganhou sem arredar pé do campo da batalha, como dizia, superintendendo então, não só todo o serviço pharmaceutico para o hospital de S. José, mas tambem inspeccionando diariamente todos os medicamentos e preparações que por conta do estado se consumiram fóra d'aquelle estabelecimento.

Apesar de trabalhar durante toda a sua vida não legou bens de fortuna, porque não era ambicioso senão pelo bem estar e pelo prestigio da sua classe; mas deixou saudades, muitas saudades a todos quantos com elle cultivaram relações, principalmente á sua extremosa familia, e aos seus collegas, que muito amava do coração.

Nós que sempre nos honrámos com a sua estima, e que durante a nossa vida profissional fomos alvo das suas atenções immerecidas, deixámos consignado n'este lugar o nosso preito de homenagem e gratidão, tanto pessoal, como do corpo de redacção d'este jornal, do qual elle foi por mais de cincoenta annos o principal e mais activo collaborador.

Agradecendo a toda a imprensa a parte que tem tomado na nossa dôr, e para não repetirmos por outras palavras o que já está escripto, transcrevemos em seguida, com a devida venia, as apreciações feitas por alguns jornaes politicos e da especialidade a respeito do passamento de tão illustre varão, e assim completámos a sua biographia.

JOSÉ RIBEIRO GUMARÃES DRACK.

ULTIMAS HONRARIAS

APRECIÇÕES DA IMPRENSA

TRIBUTO DE GRATIDÃO

«A irreparavel perda de um amigo e collega dos mais afeiçoados e prestantes, de um cidadão honrado e laborioso, de um pharmaceutico portuguez dos mais distinctos, de um membro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, cuja fundação e inauguração lhe é devida, da qual o brilhantismo era o seu maior empenho e prazer, cuja conservação e prosperidade lhe occupava sempre o pensamento, de que cuidava incessantemente e de preferencia a tudo de que o poderiam incumbir, sociedade a quem amava como sua filha predilecta, como muitas vezes lhe chamava, e além d'isto nosso companheiro em muitos trabalhos, que nos foram incumbidos, sem que jámais houvesse entre nós uma interrupção, durante o longo espaço de quarenta e oito annos, me tornaram na obrigação de lhe offerecer um tributo de reconhecimento e saudade, o que fazemos, publicando e dedicando-lhe este simples Supplemento ao nosso jornal, colleccionando todos os factos que tiveram relação com o seu passamento, que servem de gloria para a classe a que elle se honrava de pertencer, de lenitivo para sua extremosa familia, e de incentivo para os pharmaceuticos portuguezes, que muito se distinguirão se o imitarem no zelo e dedicação pela prosperidade de sua classe, e

souberem satisfazer plenamente ao pedido por elle feito nas proximidades do seu passamento.

Eis o que nos apraz registrar como tributo de eterna saudade e para perpetuar sua memoria.

No jornal *O Commercio de Portugal* do dia 6 do corrente dezembro, se lê o seguinte:

ULTIMAS HOMENAGENS

Verificou-se hontem, no cemiterio oriental, o funeral do prestimoso cidadão José Dionysio Correia, presidente honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que bem se mostrou digna do interesse e do affecto que ella lhe mereceu durante toda a sua vida até aos seus ultimos momentos.

O funeral foi uma imponente manifestação de saudade e de consideração pelo finado, achando-se a referida sociedade representada por grande numero dos seus mais distinctos membros, alguns dos quaes, quando o cadaver estava para entrar no jazigo, pronunciaram os sentidos e eloquentes discursos, que vamos reproduzir.

O athaude foi sempre coberto com a bandeira da Sociedade, tendo sido sobre ella collocadas quatro corôas, uma da consternada familia, outra da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, a terceira do Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, e a quarta da *Gazeta de Pharmacia*.

A da Sociedade tinha os seguintes dizeres:—*A Sociedade Pharmaceutica ao seu Presidente Honorario*—5—12—84.

A terceira:—*O Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, á memoria do sr. J. D. Correia*—5—12—84.

Finalmente a quarta:—*A Gazeta de Pharmacia ao seu collaborador*—5—12—84.

Da entrada do cemiterio á capella, pegaram ás borlas do caixão os srs. José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da camara municipal de Lisboa; dr. Joaquim José Alves; Sousa Telles; Freixão Coelho; Wintermantel; e J. C. Melicio.

Da capella ao jazigo foram ás borlas, os srs.: commendador José Tedeschi, presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; dr. J. J. da Silva Amado, presidente da Sociedade das Sciencias Medicas; dr. Marcellino Craveiro; conselheiro Pedro Augusto Franco; Alfredo Machado e Freixão Coelho.

Uma força de infantaria fez as honras militares, em consequencia do finado ter a Torre e Espada, ganha valentemente por occasião da terrivel epidemia da febre amarella.

Eis o discurso a que acima nos referimos e que foi lido pelo sr. commendador José Tedeschi:

Meus senhores! — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e, com esta, a classe pharmaceutica portugueza, estão de luto.

A lei cruel da mortalidade acaba de nos roubar o mais distincto, o mais activo, o mais zeloso dos nossos collegas.

Eis-nos, pois, na presença dos restos mortaes d'esse homem incansavel em promover o credito e a elevação da classe pharmaceutica, a que tanto se honrava de pertencer.

José Dionysio Correia vae desaparecer da lista dos nossos consocios, dos nossos collegas; seu nome já mais poderá esquecer nem deixará de ser pronunciado com respeito pelos nossos successores nos labores da nossa querida Sociedade; — esta Sociedade, que n'este logar vejo reunida em avultado numero para lhe prestar as derradeiras honras e protestar sua eterna gratidão.

José Dionysio Correia natural de Lisboa, onde nasceu em 22 de setembro de 1808, o apostolo evangelizador da nossa classe, o seu protector infatigavel, o creador e fundador da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, deixou de existir!

A creação d'esta Sociedade, o seu desenvolvimento, o aperfeiçoamento na fórma da sua regencia, o preenchi-

mento dos fins a que ella se dirigia, mereceram-lhe sempre, e sem interrupção, os maiores cuidados e attenções.

— José Dionysio Correia teve a idéa da fundação da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, para que esta podesse, como centro da nossa classe, promover a sua liberdade; o que pharmaceuticos mui distinctos e zelosos da sua dignidade não haviam podido conseguir, trabalhando isoladamente.

— E esta idéa feliz, é que o torna digno da nossa eterna gratidão, não lhe fôra suggerida pelo interesse pessoal.

Sim! elle, exercendo a sua nobre profissão de pharmaceutico n'um estabelecimento que não estava dependente das auctoridades civis, nada por estas era incommodado, nem vexado, como o eram os seus collegas, que possuíam pharmacias estabelecidas para o serviço do publico.

Mas, senhores, os males dos seus collegas o affligiam como se fossem seus proprios, e tanto o penalisavam, que lhe sobreveio a idéa da fundação d'esta Sociedade.

Cercando-se de alguns, ainda que poucos collegas, elle estabeleceu as bases da sua creação, fez propaganda pela classe, cujos membros, ainda que opprimidos pela despótica auctoridade de um physico-mór, se foram inscrevendo até ao numero de quarenta e quatro, conseguindo fazer, com a maior solemnidade, a sua inauguração no, para nós pharmaceuticos, tão festivo dia 24 de julho de 1835, dia memoravel de que resultou o acabamento da funesta acção d'aquella iniqua auctoridade.

Ainda ha bem poucos dias nos dizia José Dionysio Correia que dos quarenta e quatro instituidores d'esta Sociedade sómente viviam elle e mais tres! E dizia isto commovido pela saudade que tinha dos seus antigos companheiros de trabalho e de propaganda!

José Dionysio Correia foi desde os mais tenros annos dedicado ao estudo, e á pratica experimental das sciencias naturaes.

Confiado por seus paes aos cuidados de um habil pharmaceutico, que tinha a sua pharmacia na rua Augusta d'esta cidade, ali fez o tirocinio exigido pela deficientissima lei,

que regulava a habilitação e exercicio da pharmacia em Portugal.

Lei deficientissima, que unicamente exigia para ser admitido, umas insignificantes provas, em exame secreto, e apresentação de um attestado de quatro annos de pratica em qualquer pharmacia, passado pelo seu proprietario.

José Dionysio Correia foi por esta fórma habilitado com uma carta de pharmaceutico; mas, repugnando-lhe o ficar tão pobre em sciencias naturaes, foi voluntaria e apressadamente matricular-se nos cursos de physica e chimica professados n'esta cidade, e Casa da Moeda, pelo tão sabio, como infeliz Luiz da Silva Mousimbo d'Albuquerque, que largando as sciencias pela politica, e substituindo o uso dos livros pelo da espada, morrêra no vigor dos annos e da vida nos campos de Torres Vedras, onde se travára triste e damnosa batalha entre irmãos.

Tendo-se distinguido entre os seus condiscipulos, foi pelo seu professor escolhido para o coadjuvar nos trabalhos do laboratorio, onde tomando conhecimento dos mais aperfeiçoados processos chímicos, preparou os mais difficeis productos, que teem uso na pharmacia e na industria.

Os creditos de bom chimico, adquiridos n'estes exercicios escolares, o levaram a dirigir os trabalhos no laboratorio chimico da Margueira, estabelecimento que teve vida prospera e productiva durante muitos annos, começando a sua decadencia pela separação de tão habil director.

Foi d'este estabelecimento, que tantos lucros produziu, e tanta honra deu ao paiz, que José Dionysio Correia passou a exercer o importante logar de administrador da botica do hospital real de S. José.

Sempre incansavel em promover os creditos e dignidade pharmaceutica, elle, á custa de muitas reclamações, tendo de yencér as difficuldades, que como por encanto se lhe deparavam, umas filhas da falta de conhecimento que a administração d'aquelle estabelecimento tinha do que é necessario para se ter uma boa botica, outras, filhas da inveja e dos ciumes que causava a sua dedicação pela repar-

tição cuja administração lhe fôra confiada, foi conseguindo, pouco a pouco, e como por especial favor, melhoramentos e reformas, que tornaram a pharmacia do hospital de S. José um modelo, e onde se preparavam de baixo da sua direcção e vigilancia não sómente os productos pharmaceuticos, mas tambem um grande numero de preparados e compostos chimicos, cuja perfeição e pureza eram uma garantia para os clinicos que os empregavam.

Assim decorreram os largos annos, que lhe foram destruindo a saude e diminuindo as forças, até que pôde alcançar a sua justissima reforma.

Serviu José Dionysio Correia muitos cargos publicos, que sempre desempenhou com o zêlo, que lhe dava o seu muito prestimo e sua provadissima honradez.

Commissões de analyse chymica das mais serias, de maior gravidade e responsabilidade lhe foram por muitos annos encarregadas: analyses toxicologicas, analyses de aguas mineraes, de substancias alimentares e de uso nas industrias lhe eram pedidas muito a miudo pela certeza que havia da consciencia com que expunha a sua opinião depois de feitas as devidas averiguações.

Vagando o lugar de vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino, pelo obito do sempre chorado collega Avellar, cuja falta ainda hoje lamentamos, e cuja perda foi bem reconhecida pela nossa classe, foi José Dionysio Correia, nomeado por decreto para aquelle importante cargo.

Ali foram bem revelantes os serviços prestados á classe, tendo de luctar constantemente com a opposição que encontrava em quasi todas as medidas que apresentava, tendentes a fazer melhoras nas condições de exercicio nas pharmacias civis; até que a lei de 3 de dezembro de 1868 o deslocou, com bastante injustiça, supprimindo o lugar de vogal pharmaceutico, consequencia de uma certa guerra acintosa, que se faz a tudo que pôde concorrer para a illustração, elevação e independencia d'esta nossa tão util quanto infeliz classe pharmaceutica.

Nem só no paiz foram reconhecidos os seus muitos merecimentos. N'este foi sempre muito considerado e attendido nas diversas associações, de que fazia parte, sendo eleito repetidas vezes para os cargos de sua direcção e administração.

Consultem-se as actas da Sociedade das sciencias medicas, do Monte-pio geral, e de algumas outras associações, e ahí acharemos o nome de José Dionysio Correia inscripto, como um dos mais exactos cumpridores dos estatutos e regulamentos, que as regiam; e tendo recebido por vezes votos de louvor e agradecimento pelos serviços a ellas prestados.

Do estrangeiro são innumerados os diplomas que recebeu, como recompensa de ter estabelecido amigaveis relações com as muitas sociedades scientificas, principalmente pharmaceuticas e medicas, com que se communicava frequentemente, sendo por algumas consultado sobre o estado da pharmacia em Portugal.

Em suas respostas, elle por patriotismo, e amor da classe, occultava, quanto lhe era possivel, os males de que são victimas os pharmaceuticos, e o atraso relativo, em que se encontra esta classe, sempre desprotegida pelos governos, que lhe teem sempre negado os melhoramentos na instrucção especial, constantemente pedida, e constantemente olvidada e desprezada! Um de seus maiores desejos era ter podido alcançar a creação de uma escola especial de pharmacia, regida por pharmaceuticos, como existem em todos os paizes, sem exceptuar a nossa visinha Hespanha: — nunca viu satisfeitos esses tão justos desejos! Na Sociedade e na imprensa era incansavel em pedir esta justa e conveniente reforma, que, debaixo dos mais frivolos e falsos pretextos, nunca os governos nos concederam, apesar de serem bem conhecidas as vantagens que d'ahi resultariam não sómente para a illustração e brilho d'esta classe, mas para o publico, que utilizará tanto mais quanto maior fôr a illustração dos pharmaceuticos, cujos auxilios e serviços lhe forem necessarios.

9. Era cavalleiro das ordens da Conceição de Villa Viçosa e da Torre e Espada, graças que havia recebido, aquella em reconhecimento de seus serviços, prestados como vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reinô; esta pelos prestados durante a calamitosa epidemia da febre amarella, que assolou esta cidade em 1856 e 1857.

Não foi tambem esquecido pela camara municipal d'esta cidade de Lisboa, que lhe conferiu a medalha de honra, creada de proposito para condecorar os que se haviam distinguido em serviços prestados ao publico em tão triste conjunctura.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana lhe deu sempre as maiores provas de reconhecimento pelos seus muitos e constantes serviços, conferindo-lhe todas as distincções, de que pôde dispôr, elevando-o successivamente ás classes de honorario e benemerito, e conferindo-lhe o titulo de seu presidente honorario, distincção que nunca se houvera concedido n'esta Sociedade. Bem hajam os membros da Sociedade que apresentaram a devida proposta, e aquelles que a approvaram com geral applauso de todos os collegas.

10. Eis, senhores, traçada mui rapidamente a vida publica d'este honrado collega: sua vida particular foi sempre um modelo de amor da familia, que adorava como seu idolo. Seus filhos, netos e bisnetos choram n'este momento a falta do seu querido e estimado ascendente, cuja memoria lhes servirá de guia em sua vida publica, bem como na particular. E nós os acompanhamos no puro sentimento da eterna saudade, que nos inspira sua falta, vertendo nossas lagrimas sobre este triste athaude.

11. Relevem-me, senhores, o mal alinhavado d'estas linhas, e o incompleto da historia d'este nosso bom amigo, e optimo collega, que foi feita com a rapidéz que o caso exigia, e debaixo de uma oppressão de espirito, que só experimenta quem sofre a perda de um amigo leal e dedicado.

Disse.